

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, CIÊNCIAS E ARTES/ICHCA
CURSO DE JORNALISMO

LAURA CORREIA DE BRITO

**UMA ANÁLISE DAS FAKE NEWS ENVOLVENDO A VACINAÇÃO CONTRA A
COVID-19**

MACEIÓ-AL
2023

LAURA CORREIA DE BRITO

**UMA ANÁLISE DAS FAKE NEWS ENVOLVENDO A VACINAÇÃO CONTRA A
COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas, como requisito necessário para a obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Prof. Dra. Priscila Medeiros

MACEIÓ-AL

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

B862a Brito, Laura Correia de.

Uma análise das fake news envolvendo a vacinação contra a COVID-19 / Laura Correia de Brito. – 2023.
72 f. : il.

Orientadora: Priscila Medeiros.

Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 62-72.

1. Desinformação. 2. Vacinas. 3. COVID-19. 4. Notícias falsas. I. Título. CDU:

070.16:578.834

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por todo o apoio emocional durante a minha trajetória na universidade e durante o meu tempo realizando este trabalho. Sem o apoio deles, a minha conquista não seria possível. São eles que me incentivam, me ajudam e me encorajam a sempre dar o meu melhor.

Agradeço também à Prof. Dra. Priscila Medeiros por toda a ajuda para a realização desse trabalho. Sou grata por sua paciência, conselhos e direcionamentos. Assim como não poderia deixar de agradecer por me dar a minha primeira oportunidade e experiência na pesquisa com a iniciação científica ainda no começo da minha jornada na universidade e por ter visto potencial em mim para me chamar no ano seguinte para outra experiência enriquecedora. Os projetos abriram portas para mim e me ajudaram a realizar esse trabalho que conclui uma fase do meu aprendizado como jornalista.

RESUMO

Atualmente, as redes sociais estão presentes diariamente na vida da população e se tornaram uma fonte de informação para muitos. No entanto, uma dificuldade enfrentada nesse cenário atual é a presença de fake news na internet como um todo. Durante a pandemia de Covid-19 esse problema se intensificou por se tratar de um assunto tão importante que envolve a saúde das pessoas. De forma específica, surgiram muitos rumores a respeito da vacinação contra o novo coronavírus. Partindo disso, surgiu a necessidade de analisar as fake news envolvendo a vacinação contra a Covid-19 com o objetivo de entender quais são as possíveis intenções por trás da desinformação e que tipo de dano elas carregam potencialmente. O estudo foi realizado por meio da *Análise de Discurso da linha francesa*, a fim de entender e identificar os discursos presentes nas fake news sobre a vacinação. Os resultados identificaram a presença de um discurso conspiracionista, assim como a presença de um forte discurso político com o intuito de desmoralizar figuras públicas e seus esforços de trazer uma vacina para o Brasil. Dessa forma, foi possível detectar que os discursos presentes nas fake news tinham o poder de influenciar de forma negativa a população.

Palavras-chave: Desinformação; Vacina; Covid-19; Análise; Fake News.

ABSTRACT

Currently, social media is present daily in the lives of the population and have become a source of information for many. However, a difficulty faced in this current scenario is the presence of fake news on the internet as a whole. During the Covid-19 pandemic, this problem intensified because it is such an important subject that involves people's health. Specifically, there have been many rumors about vaccination against the new coronavirus. Based on this, the need arose to analyze fake news involving vaccination against Covid-19 in order to understand what are the possible intentions behind the misinformation and how it may have influenced people to vaccinate or not. The study was carried out using Discourse Analysis of the French line, in order to understand and identify the discourses present in fake news about vaccination. The results identified the presence of a conspiracy discourse, as well as the presence of a strong political discourse in order to demoralize a public figure and his efforts to bring a vaccine to Brazil. In this way, it was possible to detect that the discourses present in fake news had the power to negatively influence the population. Consequently, future work could focus on analyzing data on vaccination coverage in the country and how these data relate to the results found.

Key words: Misinformation; Vaccine; Covid-19; Analysis; Fake News.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	10
3 HISTÓRIA E IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO	13
3.1 O MOVIMENTO ANTIVACINA	13
4 O FENÔMENO DA DESINFORMAÇÃO	22
4.1 DIFERENTES FORMAS DE ABORDAR UM ÚNICO FENÔMENO	23
4.2 O FUNCIONAMENTO DO JORNALISMO NA ERA DA DESINFORMAÇÃO.....	25
4.3 A RELAÇÃO ENTRE FAKE NEWS E AS REDES SOCIAIS.....	27
4.4 A CRIMINALIZAÇÃO DAS FAKE NEWS.....	31
4.5 ASPECTOS DA ACEITAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS	33
5 A POLÍTICA COMO FATOR DA DESINFORMAÇÃO	35
5.1 POLARIZAÇÃO IDEOLÓGICA E AFETIVA.....	36
5.2 AS BOLHAS DAS REDES E AS CÂMARAS DE ECO.....	40
6 ANALISANDO AS FAKE NEWS A RESPEITO DA VACINAÇÃO DE COVID-19	42
6.1 AS CONSPIRAÇÕES E SUAS INFLUÊNCIAS NA POPULAÇÃO	43
6.2 O DISCURSO DO NEGACIONISMO EVIDENCIADO NA PANDEMIA	47
6.3 A POLÍTICA COMO FATOR NA VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19	50
5 CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	62
ANEXO A – LISTA DE FAKE NEWS ANALISADAS	73

1 INTRODUÇÃO

Desde o início da pandemia de Covid-19 no mundo, alguns temas se tornaram presentes diariamente na vida das pessoas, sendo discutidos a partir de notícias dos meios de comunicação tradicionais, nas redes sociais, assim como em conversas com familiares e um grupo de amigos. Uma dessas temáticas é a importância da vacinação para combater o avanço do novo coronavírus.

Quando a doença começou a assolar diversos países e a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a situação como uma pandemia, começaram a surgir diversos questionamentos sobre o tempo necessário para se produzir uma vacina, e se nesse período os cientistas seriam capazes de garantir a segurança do imunizante.

Em momentos de crise, essas dúvidas são algo compreensível, especialmente devido à natureza até então desconhecida do vírus. No entanto, mesmo após estudos sobre a eficácia e a segurança das vacinas produzidas, ainda existem pessoas que insistem em questionar dados científicos que comprovam a diminuição de mortes pela Covid-19 após a vacinação da população. Essas pessoas contribuem com o Movimento *Antivax*.

De forma simplificada, os apoiadores do Movimento *Antivax* (Antivacina em português) pregam um discurso contra a vacinação obrigatória podendo alegar diversos motivos como a falta de confiança nas farmacêuticas, a ideia de que as campanhas seriam uma tentativa de controle do governo e até mesmo a autenticidade da ameaça de uma doença.

Esse movimento também se mostra muito relacionado com a disseminação de desinformação e de fake news, algo muito discutido durante toda a pandemia, uma vez que pessoas compartilhavam informações sobre a doença sem de fato verificar a veracidade daquela informação, fenômeno que pode resultar em ações temerárias a respeito dos cuidados para a prevenção e tratamento da doença, por exemplo.

Em meio a muitas informações sobre o novo coronavírus, diversos grupos de comunicação assumiram o compromisso de verificar conteúdos compartilhados nas redes sociais. Muitas agências responsáveis por fact-checking de uma forma geral, realizando um trabalho jornalístico para esclarecer dúvidas se uma mensagem seria falsa ou real, dedicaram um local em seus sites apenas para notícias sobre a Covid-

19. Um exemplo é a agência Lupa, pioneira do serviço de fact-checking no Brasil, que reuniu em uma guia todas as notícias verificadas sobre a pandemia

Dentro desse contexto, surge a necessidade de estudar afundo os discursos propagados pela desinformação anti-vacina, uma vez que a literatura já mostra que tal desinformação é capaz de influenciar a decisão das pessoas de se vacinar ou não (MEDEIROS, 2022; JOLLEY AND DOUGLAS, 2014; LOOMBA ET AL., 2021).

No entanto, antes de estudar as fake news que foram disseminadas sobre a vacina da Covid-19, é importante se aprofundar em alguns conceitos a respeito do tema.

Dessa forma, a fim de entender como a temática funciona nos dias atuais, é preciso, por exemplo, entender o contexto histórico da criação da primeira vacina, assim como o motivo da sua importância e como o movimento antivacina surgiu e quais os seus impactos.

Neste estudo, um dos objetivos é justamente fazer um apanhado histórico para relacionar com a maneira que o movimento anti-vacina funciona atualmente, buscando estabelecer uma relação direta entre movimentos semelhantes que aconteceram no Brasil no passado, como por exemplo *A Revolta da Vacina* de 1904, com o que acontece nos dias atuais, entendendo as semelhanças e as diferenças.

Do mesmo modo, antes de se aprofundar nas fake news dentro do contexto da pandemia, é importante estudar o significado do termo de forma isolada, assim como as discussões existentes a respeito do tema, as suas consequências, quando a expressão começou a ser utilizada mais fortemente, entre outras especificidades. No mesmo âmbito, também é interessante abordar o conceito de desinformação, estabelecendo um paralelo com as fake news.

Dentro do objetivo de se aprofundar nesse fenômeno, também surge o interesse em entender o jornalismo no contexto do mundo atual, abordando a atual credibilidade, assim como a presença de sites verificadores de informação. Ainda há também a importância de entender o papel que as redes sociais possuem em um mundo tão contaminado com conteúdo falso.

Seguindo por esse caminho, os possíveis fatores para as pessoas acreditarem em desinformação é um assunto que precisa ser pontuado. Um dos fatores que será abordado de maneira mais ativa é o fator político. Ao entender como as redes sociais funcionam criando bolhas nas quais não há uma divergência de opinião e como o

contexto político atual brasileiro apresenta uma polarização, é possível verificar a política como algo presente nas discussões a respeito das fake news.

Após apresentar os conceitos, contextos históricos, e abordar os assuntos relacionados ao tema principal, será realizada uma análise discursiva de fake news verificadas por uma agência de fact-checking a respeito da vacinação contra a Covid-19. O principal objetivo é identificar os discursos relevantes por trás da desinformação compartilhada nas redes sociais, buscando entender possíveis motivações por trás do conteúdo enganoso e quais são as possíveis consequências desse fenômeno.

2 METODOLOGIA

Foi escolhido, para a execução deste estudo, realizar uma análise de discurso, de um modo que seja possível evidenciar os elementos que estão presentes, mas não sempre de forma explícita, nas notícias ou boatos falsos a respeito da vacinação contra a Covid-19.

O objeto de estudo desta pesquisa serão as notícias verificadas como falsas pela Agência Lupa sobre a vacinação da Covid-19. A agência Lupa foi a escolhida como fonte para selecionar o material de estudo por ser uma das pioneiras no serviço de fact-checking no Brasil (SANTOS, 2019). Assim como, outro fator para a escolha foi a organização da agência em possuir uma lista com todas as fake news verificadas sobre a Covid-19 em um só lugar, facilitando o processo de apanhamento de dados.

Autodenominada como a primeira agência de fact-checking do Brasil, a Lupa é uma agência de notícias que tem como um dos principais objetivos, através da checagem, contribuir para aprimorar o debate público. A agência geralmente se concentra em pautas do cotidiano como política e saúde (SANTOS, 2019).

Durante a pandemia, a Lupa se dedicou constantemente a esclarecer dúvidas sobre a veracidade de conteúdos compartilhados na internet. Partindo disso, ela foi a escolhida como fonte para ser realizado um apanhado das fake news sobre o tema abordado nesta pesquisa.

Depois de estabelecido o local para retirar o objeto de estudo, foram selecionados então os conteúdos que seriam analisados. A seleção das mensagens foi feita através de uma observação para estabelecer quais tinham possível vínculo com o tema da vacinação.

Considerando a grande duração da pandemia e as limitações do projeto, as fake news escolhidas para análise a respeito da vacinação de Covid-19 foram as notícias verificadas entre março a setembro de 2020 pela agência Lupa, de uma forma que abrangesse os primeiros meses da pandemia no Brasil. Ao total foram selecionadas para análise em torno de 30 fake news sobre o assunto.

Tendo como principal objetivo tentar entender como o discurso presente nas notícias falsas podem afetar a população, uma das formas de entender melhor e se

aprofundar no que está por trás da informação falsa é prestar atenção em algumas marcas textuais que possam estar presentes na informação.

Um dos fundamentos que será utilizado na execução da análise é o de Freire (2014) que explica que as marcas textuais são as entradas no discurso pela língua e através delas é possível identificar os textos que ficaram de fora, evidenciar o que esses textos ausentes significam e quais são as propriedades desse discurso. Assim como entender a ideologia por trás da mensagem.

Orlandi (2005, p. 16) entende que a “análise de discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema, mas com a língua do mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas”. Dessa forma, a análise não é feita de forma singular, mas sim com o entendimento que os sujeitos agem enquanto membros de uma sociedade.

Com o corpus de estudo recolhido, a ideia é analisar as mensagens presentes nas fake news de forma individual, ao mesmo tempo em que será possível realizar uma análise geral, estabelecendo comparações entre os conteúdos falsos para que possa ser possível identificar regularidades discursivas neles e assim identificar algum propósito por trás das mensagens.

Segundo Foucault (1987): “sempre que se puder definir uma regularidade entre um certo número de enunciados se está diante de uma Formação Discursiva”. É na formação discursiva que está presente e é possível visualizar a ideologia por trás da mensagem. Sobre isso, Freire (2014, p. 15) explica:

É a língua que funciona como esse elemento carreador da ideologia. Em outras palavras: a ideologia se organiza na língua em formações discursivas (FDs)... Ao se organizar em FDs, a FI determina quais os sentidos são possíveis e quais não são. Esse processo de seleção se chama processo discursivo. Alguns sentidos são possibilidades de enunciado e outros sentidos são descartados.

Para verificar se existia alguma regularidade discursiva entre as fake news foi preciso analisa-las uma de cada vez. Esse processo aconteceu através da leitura do material na íntegra, uma vez que dessa forma foi possível analisar os enunciados utilizados e assim identificar marcas de discurso.

Com a finalidade de encontrar as regularidades da linguagem nas produções, a análise de discurso surge como uma forma de relacionar a linguagem com à sua exterioridade (ORLANDI, 2005). Partindo disso, o presente estudo irá trabalhar de

uma forma que possibilite identificar e estabelecer relações entre os conteúdos falsos analisados e o contexto social que pode influenciar nos significados apresentados.

No site da Lupa, alguns dos conteúdos verificados eram apresentados com a reprodução do boato sendo feita através de uma captura de tela ou da transcrição exata do texto, algo que permitiu uma melhor análise dos elementos, sejam visuais ou textuais. Já alguns dos conteúdos não traziam a cópia exata do que foi escrito, mas sim um resumo da mensagem, algo que, no entanto, não impediu a identificação e estudo dos discursos presentes.

O discurso, como evidenciado por Orlandi (2005) pode ser definido como um efeito de sentido entre locutores, partindo disso o autor esclarece:

O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto. A Análise de Discurso faz um outro recorte teórico relacionando língua e discurso. Em seu quadro teórico, nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos[...] A língua é assim condição de possibilidade do discurso [...] A relação é de recobrimento, não havendo portanto uma separação estável entre eles (p.22)

É através desses conceitos e ideias que esta pesquisa irá se guiar, trabalhando as relações envoltas das fake news sobre a vacinação da Covid-19 com o propósito de identificar e entender os discursos presentes nelas, e ainda tentar compreender como esses discursos podem influenciar e afetar a vida da população brasileira.

3 HISTÓRIA E IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO

Em 1796, o médico britânico Edward Jenner desenvolveu a primeira vacina do mundo, capaz de combater o vírus da varíola (BERTOLLI, 2008). Edward Jenner desenvolveu o primeiro método seguro de vacinação após um experimento no qual ele extraiu o líquido da lesão causada pela varíola bovina e inseriu o material em um menino de 8 anos para posteriormente comprovar a imunidade do garoto ao vírus da varíola (LEVI, 2013).

Desde então, foram criadas outras vacinas para combater diferentes vírus. Um dos principais objetivos da imunização é prevenir o desenvolvimento do quadro clínico de uma doença no indivíduo, e ao vacinar grande parte da população, conseguir controlar ou até mesmo eliminar aquele vírus (SCHATZMAYR, 2003). No entanto, mesmo com comprovações de que as vacinas são eficazes, ainda existem obstáculos para a completa vacinação da população. Um dos obstáculos existentes é a resistência de certos grupos quanto ao ato de se vacinar.

3.1 O MOVIMENTO ANTIVACINA

O primeiro registro de um movimento antivacinação aconteceu em 1853 no Reino Unido quando foram estabelecidas leis pró-vacinação, tornando obrigatório que as crianças se vacinassem e punindo os pais inadimplentes. Após a determinação, parte da população realizou protestos, alegando que as leis de obrigatoriedade quebravam o princípio da liberdade individual e escolha, surgindo então uma liga antivacinação. Em 1898, como uma resposta aos protestos, foi aprovada uma nova lei que tirava as punições e dava liberdade aos pais de decidir vacinar ou não os seus filhos (WOLFE; SHARP, 2002).

Wolfe e Sharp (2002) explicam que esse movimento também surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX quando foram estabelecidas novas leis e grupos antivacinação surgiram. Em 1879 foi criada a Sociedade Antivacinação da América e através de batalhas judiciais e lutas nos plenários das legislaturas estaduais, a Sociedade conseguiu revogar as leis de vacinação compulsória em diversos estados americanos (WOLFE; SHARP, 2002).

No Brasil, um momento marcante na história da imunização no país foi o motim popular ocorrido em 1904 que ficou conhecido como A Revolta da Vacina. No Rio de Janeiro, então capital do país, houve um surto de varíola com quase sete mil casos da doença. Diante da situação, o médico Oswaldo Cruz apresentou ao Congresso Nacional um projeto de lei responsável por reinstaurar a obrigatoriedade da vacinação no país, algo que nunca tinha sido cumprido (HOCHMAN, 2011).

Entre diversos pontos que a lei previa estavam muitas, a exigência de atestado de vacinação para matrículas em escolas e a possibilidade de serviços sanitários entrarem em residências para vacinar os moradores. Sobre esse assunto, Hochman (2011, p. 378) explica:

A publicação pelos jornais do que seria o decreto de regulamentação da lei – denominado pela população de “Código de Torturas” – foi o estopim para a eclosão de uma revolta que reuniu grupos com motivações e objetivos muito diferentes. A oposição à vacinação obrigatória congregou de modo não articulado antivacinistas, militares e civis monarquistas [...], setores da população urbana que entendiam a vacinação como uma invasão da privacidade do lar e um ataque à moralidade da família e setores populares que foram duramente afetados pelas reformas urbanas.

Apesar da resistência inicial, a varíola foi erradicada em 1973 no Brasil, e em 1980 no mundo, graças às campanhas de vacinação coordenadas com eficácia (LIMA; PINTO, 2017). Com a erradicação da varíola, foi idealizado então um programa para realizar campanhas de vacinação para outras doenças em todo o país. “Surge o PNI (Programa Nacional de Imunização) como um instrumento de organização e implementação do calendário vacinal no Brasil, adotando estratégias que viabilizam e regulamentam a política nacional de humanização” (LIMA; PINTO, 2017, p. 54).

O PNI foi um marco importante na história da saúde pública brasileira, sendo responsável por ações de imunização no país inteiro que possibilitaram a queda da mortalidade em decorrência de várias doenças, contribuindo para uma melhor expectativa de vida da população. Temporão (2003) explica que com o PNI, o Brasil conseguiu a erradicação da poliomielite, assim como ampliação da cobertura vacinal do país, trazendo resultados significativos em proteger a população contra as doenças preveníveis por imunização.

Embora o Programa Nacional de Imunização venha antes da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), estabelecido na Constituição Federal de 1988, ele compartilha dos mesmos princípios. Para Domingues et al. (2020), parte do sucesso do PNI se deve ao fato do programa seguir aos princípios do SUS de universalidade

e equidade, assim como o princípio organizativo de descentralização. Os autores explicam:

Constata-se a universalidade da atenção pela oferta de imunobiológicos para todos os grupos alvos da vacinação [...] A equidade é observada pela ampliação da oferta de vacinas, nas estratégias de vacinação de rotina e campanhas[...] Por fim, o PNI cumpre o princípio da descentralização, atuando numa rede articulada, hierarquizada e integrada, exigindo discussão permanente sobre normas, metas e resultados, propiciando, dessa forma, a sua operacionalização nas três esferas de gestão do SUS. (Domingues et al, 2020, p. 2).

Assim sendo, o Programa Nacional de Imunização é visto por muitos especialistas da área da saúde como um programa de sucesso e grande impacto na vida dos brasileiros. É importante resgatar o começo da história não só do PNI como também da vacinação no Brasil, assim como as suas circunstâncias, para entender melhor em que ponto nos encontramos atualmente em relação à vacinação, analisando as conquistas e os obstáculos ao longo do tempo.

Foram décadas de pesquisa, de criação de diferentes programas e campanhas e de aprimoramento do PNI. Uma das funções do programa é auxiliar no diagnóstico da situação da vacinação, a fim de avançar ainda mais na conquista da homogeneidade e abranger ainda mais as coberturas vacinais (DOMINGUES; TEIXEIRA, 2013). Durante as campanhas, o objetivo é justamente uma cobertura vacinal alta para que a população esteja mais protegida contra a doença e se atinja uma imunidade de rebanho.

Lacerda e Chaimovich Guralnik (2020) explicam imunidade de rebanho ou imunidade coletiva como uma situação onde a doença para de se espalhar porque uma quantidade da população conseguiu uma imunidade à infecção, de uma forma que também diminui a infecção mesmo naqueles que não apresentam imunidade. Os pesquisadores ainda esclarecem que a imunidade pode ser adquirida por indivíduos que tiveram a doença e se recuperaram ou por pessoas que foram vacinadas contra o agente causador.

O objetivo das campanhas de vacinação é justamente atingir uma imunidade coletiva a partir das vacinas que carregam o vírus de forma mais leve comparado com a contaminação direta. Dessa forma, as campanhas são fortemente disseminadas para alcançar toda a população e assim incentivar a aceitação das vacinas. A área da comunicação possui um papel muito importante nesse aspecto da saúde pública, trabalhando para que as campanhas sejam efetivas e abrangentes.

Rocha (2003) explica que durante as campanhas de vacinação das décadas de 1970 e 1980, representantes de veículos de comunicação, assim como sindicatos de jornalistas e outros grupos, formaram comissões para divulgar e mobilizar a população. É através do rádio, dos jornais e da televisão que as campanhas atingem o seu público alvo, utilizando de estratégias para convencer a população a se vacinar.

De acordo com o Ministério da Saúde (1982), citado por ROCHA (2003), era necessário incorporar a ação educativa às atividades de vacinação, uma vez que os melhores métodos de prevenção, controle e erradicação de doenças podem fracassar se não contarem com o apoio da população.

Com a eficácia das vacinas comprovadas, muitas se tornaram obrigatórias. Segundo Succi (2018), a vacinação obrigatória nos programas de saúde pública se deu pela crescente efetividade, eficácia e segurança dos imunobiológicos criados, algo que contribuiu com o aumento da cobertura homogênea e com equidade.

Atualmente, no entanto, existem alguns fatores que dificultam a aceitação e o apoio por algumas pessoas que mesmo diante de campanhas sobre a importância da vacinação ainda se recusam a se imunizar. No Brasil, o que acontece nos dias de hoje não se assemelha muito com o já citado caso da Revolta da Vacina de 1904, mas ainda existem indivíduos que ativamente se negam a se vacinar.

Como explicado por Hochman (2011), existiam diversos motivos para as pessoas terem se revoltado contra o programa de imunização implantado em 1904. No presente, também é possível identificar as razões das pessoas aderirem a esse pensamento.

Beltrão et al. (2020, p. 2) explica: “o movimento antivacinação prega que as vacinas trazem mais malefícios do que benefícios e buscam por meio de crenças ou emoções, com embasamento filosófico, espiritual ou político, provar que o uso de vacinas ameaça a população”.

Partindo de crenças pessoais, muitos indivíduos que aderem a esse movimento acreditam que as vacinas irão causar doenças ao invés de preveni-las. O que acontece é uma espécie de negacionismo científico, no qual um indivíduo ou um grupo se nega a acreditar em fontes verdadeiras e pesquisas feitas por cientistas para se apoiar em crenças pessoais ou nas narrativas de pessoas que não têm o conhecimento apropriado sobre o assunto.

No entanto, até mesmo pesquisas mal desenvolvidas realizadas por pessoas da área da saúde podem levar ao erro e inflar o movimento antivacina. Shimizu (2018)

cita o artigo fraudulento de 1998 do médico Andrew Wakefield que relacionava a síndrome de espectro do autismo com a vacina tríplice viral contra o sarampo, caxumba e rubéola, algo que fortaleceu os grupos antivacina e trouxe mais pessoas ao movimento. A partir desse artigo errôneo, muitos pais foram influenciados a não vacinar seus filhos, por medo de que o imunizante iria causar mal à criança.

O artigo desenvolvido pelo médico Andrew Wakefield teve grande impacto na história da antivacinação e foi quando o movimento foi ganhando mais notoriedade. A revista responsável por publicar o artigo retratou-se após doze anos, mas mesmo com a retratação o material já tinha feito um impacto e provocado consequências por causa de resultados equivocados (RETRACTION, 2010, apud CARDOSO ET AL., 2021).

Outra crença que influencia a adesão ao movimento antivacinação é a de que a vacina não seria necessária uma vez que os seres humanos deveriam deixar o próprio sistema imunológico combater a invasão de um vírus e dessa forma o corpo criaria anticorpos apropriados naturalmente. No entanto, é de consenso científico que a imunização é mais eficaz e com menos riscos quando é ocasionada pelas vacinas.

Da mesma forma, a moralidade também está presente no discurso antivacina. As pessoas apelam para uma suposta falta de liberdade quando é estabelecida a vacinação obrigatória. Vasconcellos-Silva e Castiel (2020, p. 6) explicam:

Não obstante, desde sempre há exemplos de atritos entre a necessidade de intervenções públicas e narrativas morais ou ligadas às liberdades individuais. Na Inglaterra de 1853, o Compulsory Vaccination Act despertou a ira da classe média alta - um ultraje à liberdade de arbitrar sobre o estado imunológico dos filhos. Algo semelhante aconteceu no final do século XX, quando a Internet já ampliava vertiginosamente seu poder de influência e acesso a fontes primárias de comunicação científica entre diversos segmentos sociais.

Para Vasconcellos-Silva e Castiel (2020), a internet tem um papel importante no aumento desse movimento antivacina levando em consideração que nas últimas décadas as redes virtuais antivacina seguiram ampliando seus espaços, influência e vítimas por conta do vigoroso impulso de vários aliados.

No Brasil, no entanto, o Movimento Antivacina ainda é considerado pequeno, uma vez comparado com a força existente na Europa e nos Estados Unidos, mas a adesão a esses grupos preocupa o Ministério da Saúde porque há uma queda no índice de cobertura de alguns imunizantes oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (SANTOS; SILVA; BATISTA, 2021).

Uma das maiores consequências decorrentes desse movimento é a redução das coberturas vacinais, principalmente em crianças. Do mesmo modo, a hesitação vacinal tem se tornado cada vez mais evidente e preocupante (CARDOSO ET AL. 2021). Levi (2013) aponta que um dos efeitos da baixa cobertura é o acontecimento de surtos e epidemias como aconteceu no Reino Unido quando as taxas de vacinação anti-pertússis caíram de 81% para 31% e isso resultou em uma epidemia de coqueluche, com morte de algumas crianças.

Zorzetto (2018) utiliza o exemplo do surto de sarampo no ano de 2018 em Roraima e no Amazonas para ilustrar como a redução no número de crianças vacinadas abriu o caminho para a reintrodução do vírus no país e levou a sérias consequências.

Casos como este estão ficando cada vez mais comuns, principalmente quando se trata de doenças que a população acredita serem um problema do passado. Justamente por causa das campanhas de vacinação, alguns vírus, como o de sarampo, não possuem casos frequentes e por essa razão as pessoas acreditam não haver a necessidade de vacinação. Sobre isso, Succi (2018, p. 576) comenta: “as vacinas podem ser consideradas vítimas do seu próprio sucesso[...] A falta de memória dessas doenças, de sua gravidade e das suas sequelas, faz com que a necessidade de preveni-las seja menos marcante”.

Outra consequência que pode acontecer com a diminuição das vacinas é um colapso no sistema de fabricação e comercialização dos imunobiológicos, pois é possível que a demanda aumente após um surto de doença e ocorram quebras no estoque e aumento de preço dos imunizantes, prejudicando os países mais pobres (JUNIOR, 2019).

Um estudo realizado pela rede Avaaz (2019) com a Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm) se propôs a identificar os principais motivos da não vacinação. Segundo o relatório divulgado, entre as razões citadas para a não vacinação estavam a falta de planejamento ou esquecimento, não considerar a vacina necessária (algo considerado pelo SBIIm como desinformação), falta de informação e medo de graves efeitos colaterais (algo também considerado impreciso).

Dentre as características mais marcantes do Movimento Antivacina está a disseminação de informações falsas que contradizem todas as pesquisas científicas que provam a eficácia da vacinação na população. O Movimento se apoia no

fenômeno da desinformação. Sobre essa relação Silva, Teles e Andrade (2020, p. 490) argumentam:

A disseminação de informações falsas ou equivocadas e sem cunho científico é um dos principais pilares desses movimentos, acarretando medo na população. Os mais atingidos por esses movimentos são as regiões de pobreza e que possuem dificuldade de acesso ao serviços de saúde. Há a divulgação de falsas notícias também por parte da população que não está envolvida com esses movimentos, mas que acaba por ajudar em seu fortalecimento.

Normalmente referenciada como “Fake News”, as notícias falsas estão presentes em grande parte do discurso antivacinação. Outro fenômeno semelhante que tem influência no movimento anti-vacina é a “Fake Science”. Um exemplo dessa prática é o artigo falso, já citado anteriormente, relacionando as vacinas com o autismo em crianças, algo considerado um grande fator para o movimento ganhar mais força.

A “fake science” pode ser caracterizada pela produção de artigos que parecem científicos, mas são baseados em falsas evidências, possivelmente elaborados por cientistas impulsionados por ambições pessoais e pressões que influenciam o comportamento geral (HOPF ET AL., 2019). Existem alguns fatores que levam os cientistas a produzirem “fake science”, Hopf et al. (2019, p. 04) explica:

Três subsistemas estreitamente inter-relacionados (avanço da ciência, recompensas reputacionais e retornos financeiros) formam coletivamente um sistema geral de publicação científica que se tornou fortemente falho. Incentiva os cientistas a distorcerem e exagerarem os seus resultados na procura de novos subsídios, promoções e distinções [...] Tanto os autores quanto os editores são incentivados a burlar o sistema para sua vantagem mútua. No extremo, os incentivos perversos gerados resultam em autores fabricando dados, revistas predatórias caçando artigos e revistas falsas sendo criadas que buscam apenas os honorários dos autores para o processamento de artigos.

Quando o artigo de Andrew Wakefield relacionando uma vacina com o autismo foi revelado como fraudulento, foi descoberto que o médico estava recebendo dinheiro de advogados com ações contra empresas farmacêuticas por compensação de danos vacinais. Wakefield teve então seu registro profissional cassado (LEVI, 2013).

Tanto a fake science como as fake news são fenômenos complexos que envolvem em suas esferas uma variedade de causas, canais, disseminações e consequências (HOPF ET AL., 2019). Uma das consequências de ambas é levar a população a acreditar em informação falsa.

O relatório da Avaaz de 2019, por exemplo, reportou que quase 7 entre 10 brasileiros acreditam em pelo menos uma afirmação falsa sobre vacinas. Outra descoberta feita pelo estudo foi a de que 57% das pessoas que afirmaram não se vacinar citaram uma razão que é entendida como imprecisa, algo que a Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm) considera como desinformação.

A desinformação sobre as vacinas pode ser disseminada de diferentes modos, sendo um deles através das teorias de conspiração. Warner e Neville-Shepard (2014, citado por OLIVEIRA, 2020) explicam que durante muito tempo as teorias da conspiração foram compreendidas como narrativas irracionais produzidas por grupos sociais extremistas à margem da vida política e social.

Outra definição a respeito do tema traz o “conspiracionismo” como a tendência para determinar que grandes acontecimentos com impacto na vida da população são secretamente orquestrados por entidade poderosas que agem em conjunto, de forma articulada e com intenções maliciosas (DOUGLAS; SUTTON, 2008, apud FERREIRA, 2021).

No caso das vacinas, as teorias da conspiração vão agir de uma forma que faça o público desconfiar da verdadeira intenção por trás dos imunizantes, com suspeitas sobre a eficácia, sobre a fabricação, efeitos colaterais e principalmente com o que o governo ou as pessoas por trás da vacina irão se beneficiar.

Van Prooijen e Van Vugt (2018) explicam que as teorias da conspiração podem ser definidas como uma forma rápida e econômica de encontrar explicações por meio de “atalhos mentais” (heurísticas), identificar potenciais ameaças e alianças maliciosas e organizar uma resposta à ameaça seja por confronto ou por se esquivar do problema.

No cenário atual, durante a pandemia de Covid-19 e com um grande fluxo de desinformação circulando, surgiram algumas teorias da conspiração a respeito da vacina contra a doença. Uma pesquisa desenvolvida por Romer e Jamieson (2020) indicou que ainda no início da disseminação do novo coronavírus, teorias da conspiração envolvendo a Covid-19 se mostraram inversamente relacionadas com o relato de ações preventivas e as intenções de se vacinar contra a doença.

Sobre essa relação, Jolley e Douglas (2014, p.1, tradução nossa) explicam:

No centro do movimento de conspiração antivacina está o argumento de que grandes empresas farmacêuticas e governos estão encobrindo informações sobre vacinas para atingir seus próprios objetivos sinistros. De acordo com

as teorias mais populares, as empresas farmacêuticas obtêm lucros tão saudáveis com as vacinas que subornam pesquisadores para falsificar seus dados, encobrem evidências dos efeitos colaterais nocivos das vacinas e aumentam as estatísticas sobre a eficácia das vacinas. As teorias da conspiração antivacina refletem, portanto, suspeita e desconfiança em pesquisas científicas que examinam a eficácia e a segurança da vacina.

Dessa forma, é possível perceber uma grande relação entre o movimento antivacina, as teorias da conspiração e as desinformações, sendo elementos interligados que atuam de uma forma que dificulta a cobertura vacinal e o conhecimento real sobre a imunização.

. Nos dias atuais, “fake news” é o termo mais conhecido para debater sobre conteúdo falso e se mostra necessário se aprofundar mais nas características, causas e consequências do fenômeno que está fortemente interligado com o movimento antivacina.

4 O FENÔMENO DA DESINFORMAÇÃO

Notícias falsas circulam diariamente em diversas esferas da sociedade. Seja uma informação errada passada em um círculo de amigos ou através da internet, elas podem trazer grandes prejuízos. Embora o fenômeno das *fake news* não seja uma novidade, é algo que ganhou força com as redes sociais e com a internet como um todo.

Nos dias atuais, por exemplo, existe uma grande facilidade em compartilhar e receber informações e, como consequência disso, muitas pessoas não consideram se a mensagem é verdadeira ou não antes de repassá-la adiante. Uma das características do universo digital é justamente essa necessidade da agilidade, algo que pode ser muito vantajoso na comunicação, porém, desfavorável quando se trata de encaminhar uma notícia sem checar a veracidade dela.

Para estudar sobre o fenômeno das *fake news* e sobre a desinformação é necessário que haja um aprofundamento em alguns conceitos importantes a respeito do assunto. O próprio termo *fake news* é alvo de questionamentos, uma vez que na tradução literal significa “notícias falsas” e muitos pesquisadores articulam que o fato daquela informação ser falsa já a desclassifica como notícia. Sobre esse assunto, UNESCO (2019, p. 7) explica:

Evita-se admitir que o termo *fake news* (“notícias falsas”) possua um significado direto ou comumente compreendido. Isso ocorre porque “notícias” significam informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias. Nesse sentido, então, a expressão “notícias falsas” é um oxímoro (que exprimem conceitos contrários) que se presta a danificar a credibilidade da informação que de fato atende ao limiar de verificabilidade e interesse público – isto é, notícias reais.

Contudo, esse tema ainda não é de consenso entre todos os pesquisadores do Brasil, uma vez que o termo *fake news* se popularizou e está presente nas discussões do cotidiano dos brasileiros. Não há certezas sobre o início do uso da expressão, mas é apontado por muitos observadores que as *fake news* ganharam força nos Estados Unidos.

Allcott e Gentzkow (2017) evidenciam que em 2016, durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos, diversas fake news foram amplamente compartilhadas nas redes sociais, na maioria das vezes as informações erradas eram usadas e fortemente inclinadas para favorecer a campanha de Donald Trump.

A utilização de fake news para afetar o adversário foi feita por ambas as campanhas, mas a de Trump foi a que se mostrou mais presente. Para mensurar o impacto dessa estratégia, segundo análise do site BuzzFeed News, nos últimos três meses das campanhas políticas, notícias falsas tiveram um melhor desempenho em uma rede social e geraram mais engajamento do que grandes veículos de comunicação como o The New York Times (DELMAZO; VALENTE, 2018).

Na reta final da campanha, uma das fake news que mais teve impacto no resultado das eleições presidenciais dos Estados Unidos de 2016 foi a de que Hillary Clinton, concorrente de Trump, estava ligada à pedofilia. Os emails do chefe de campanha da candidata vazarem e entre as mensagens estava o nome do dono de uma rede de pizzeria relacionado ao partido democrata, e surgiu então uma notícia falsa que ligava as pizzarias a um rede de pedofilia, e conseqüentemente ligava à candidata Hillary Clinton (DELMAZO; VALENTE, 2018).

A repercussão sobre as eleições americanas foi de tanto impacto que o dicionário inglês Collins definiu “fake news” como a palavra do ano em 2017. De acordo com a equipe do dicionário, entre aquele ano e o anterior, o uso da expressão cresceu em 365% (FLOOD, 2017).

No Brasil, o termo fake news também começou a ser amplamente usado em decorrência de situações envolvendo política. Segundo informações divulgadas pelo Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação da USP em 2016, na semana que antecedeu a votação da abertura do processo de Impeachment de Dilma Rousseff, três das cinco notícias mais compartilhadas no *Facebook* eram falsas (SANCHOTENE; MACHADO DA SILVEIRA; DE LIMA LAVARDA, 2017).

4.1 DIFERENTES FORMAS DE ABORDAR UM ÚNICO FENÔMENO

Existe uma ampla discussão quanto ao uso de termos para definir o fenômeno que faz com que a cada dia as pessoas acreditem mais em informações falsas e as compartilhem. Grande parte dos debates se dão pela tradução de alguns desses termos usados no âmbito da comunicação para tratar de conteúdo falso.

Os pesquisadores Wardle e Derakhshan (2017), por exemplo, utilizam em seus estudos a expressão “desordem da informação” para falar de uma maneira geral de conteúdos falsos. Para eles, existem três tipos de desordem da informação, que serão diferenciados a partir dos cenários e possibilidade de intenções. São eles: *mis-information*, *dis-information* e *mal-information*.

Mis-information seria uma informação imprecisa, mas não criada com a intenção de trazer prejuízo; já *dis-information* é a informação deliberadamente enganosa, com intenção de enganar e atingir uma pessoa, um grupo social, uma organização ou até mesmo país; e *mal-information* é a informação baseada na verdade, mas utilizada estrategicamente para causar vantagem (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, tradução nossa).

No dicionário inglês Oxford (2020), *misinformation* é definido como informação errada ou enganosa, *disinformation* como a disseminação de informações deliberadamente falsas e *fake news* como notícias que transmitam ou incorporem informações falsas, fabricadas ou deliberadamente enganosas.

As diferentes definições propostas por diversos pesquisadores e estudiosos levam em conta a intenção daquela informação errada, considerando se é algo que foi feito intencionalmente com o propósito de causar uma reação, enganar as pessoas e gerar uma vantagem que irá beneficiar alguém.

Uma dificuldade para os comunicadores brasileiros quando se trata de estabelecer diferenças entre os tipos de conteúdo errado é a tradução literal dos termos. Wardle e Derakhshan (2017) trazem uma diferença semântica entre as palavras estrangeiras *malinformation*, *desinformation* e *misinformation*, mas todas elas podem ser traduzidas para o português simplesmente como desinformação.

UNESCO (2019) aborda que o termo desinformação é comumente usado para se referir a tentativas deliberadas (frequentemente orquestradas) para confundir ou manipular pessoas por meio de transmissão de informações desonestas.

Já as popularmente conhecidas fake news podem ser classificadas como artigos de notícias que são intencionalmente falsos e que podem enganar os leitores, incluindo notícias falsas fabricadas propositalmente (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017). As fake news são definidas como informação fabricada que imita o conteúdo das notícias da mídia no formato, mas não na intenção ou no processo organizacional (LAZER ET AL., 2018, citado por JONES-JANG; MORTENSEN; LIU, 2019).

Na maioria das vezes, as fake news são fabricadas para se assemelhar ao máximo com a estrutura de uma notícia comum, levando ao leitor a acreditar no conteúdo mesmo que este seja falso.

Neste trabalho, o termo desinformação será utilizado de forma ampla, abordando os conteúdos falsos compartilhados entre as pessoas. Da mesma forma, mesmo com críticas ao termo fake news, este será utilizado como um sinônimo de desinformação, também para abordar as informações falsas que estão sendo diariamente disseminadas, especialmente nas mídias digitais. Ambos os fenômenos, da desinformação e das fake news, são problemas constantes nos dias atuais, sendo potencializados pela internet e principalmente pelas redes sociais.

4.2 O FUNCIONAMENTO DO JORNALISMO NA ERA DA DESINFORMAÇÃO

Atualmente, grande parte dos boatos na internet se espalham muito rápido, tendo como um dos fatores para que isso aconteça o descrédito em relação às “mídias tradicionais”, o que leva o espectador a procurar por fontes alternativas para ter a sensação de que está sendo informado sem ser manipulado pelos grandes meios de comunicação (PAULA; SILVA; BLANCO, 2018).

O jornalismo atua na sociedade dependendo da confiança da população em seu conteúdo, mas quando a credibilidade do mesmo é questionada, nasce uma dúvida e a atividade jornalística passa a ser questionada em sua legitimidade dentro de uma democracia, assim como na capacidade de retratar os fatos de forma verídica (SANTOS; GROSSI, 2018).

Um dos fatores apontados por Costa (2019) como responsáveis pela queda da confiança no jornalismo tradicional é o fato de que a credibilidade jornalística é associada aos veículos de comunicação, e não à prática jornalística em si. Dessa forma, ainda que exista uma parte do público que acredite nos veículos de comunicação, a grande maioria considera os discursos midiáticos manipulados, em alinhamento aos interesses políticos e econômicos da empresa jornalística, o que pode ter contribuído com esse deslocamento de credibilidade (COSTA, 2019).

Santos e Grossi (2018) atribuem à credibilidade jornalística uma relação com os aspectos subjetivos de cada um dos receptores de informação. As pesquisadoras afirmam:

A dinâmica dessa relação intersubjetiva é influenciada por diversos aspectos que podem estar ou não envolvidos na cadeia de produção noticiosa, como o clima político, econômico e social em uma determinada época e sociedade e a impressão, verídica ou não, de que a mídia está interferindo de alguma maneira nessa realidade. Dessa forma, pode ocorrer a desconfiança generalizada no conteúdo jornalístico atual e em seus atores (SANTOS; GROSSI, 2018, p. 43).

Seguindo essa linha de pensamento, Miguel (2019) entende que as dificuldades enfrentadas pelo jornalismo, como a descredibilidade e busca por fontes alternativas, são causadas por diversos fatores que envolvem as novas tecnologias da informação, uma crise de financiamento e conseqüentemente, uma possível posição política.

As novas plataformas da internet favorecem a circulação de informação grátis, desconectada da publicidade comercial que no rádio e na TV aberta viria colada ao acesso à informação, de uma forma que o jornalismo é colocado a serviço de interesses políticos ou comerciais, evidenciando uma crise de financiamento que empurra as empresas para a venda de influência política (MIGUEL, 2019).

Da mesma forma, um dos desafios enfrentados pelo campo jornalístico frente a esse universo digital é a necessidade da notícia imediata, na qual a prioridade é a rapidez com que essa notícia chegará ao público através da internet e não a completa apuração dos fatos. Em outras palavras, muitos jornalistas e redes de notícias sentem a demanda de ser responsável por um furo jornalístico, algo que pode prejudicar a qualidade do material.

Moretzsohn (2012, citado por COSTA, 2019) entende que com o crescimento do jornalismo online, a velocidade se tornou algo essencial e que como consequência, a busca pelo “furo” jornalístico passou a ser mais importante do que a verdade em si. Dessa forma, se torna mais valioso ser o primeiro a trazer uma notícia do que necessariamente trazer um conteúdo correto e verificado através de um bom trabalho de apuração e checagem.

O furo jornalístico não é uma característica recente apenas do mundo digital, mas podemos considerar que a internet intensifica bastante esse desejo de ser o primeiro a publicar uma notícia, para ter mais acessos ao site ou jornal e conseqüentemente conseguir um maior retorno financeiro através da publicidade.

No entanto, essa busca em sempre ter furos jornalísticos pode levar a diversos erros considerando que a apuração dos fatos não foi feita de forma intensiva, algo que

pode comprometer diretamente a credibilidade do que é publicado e a credibilidade do jornalismo como instituição (COSTA, 2019).

Por outro lado, White (2017, citado por SPINELLI; SANTOS, 2018) defende o jornalismo e também atribui culpa às novas tecnologias, explicando que as notícias falsas não são resultados de um mau funcionamento do jornalismo, mas sim uma consequência dos negócios que sustentam a economia digital, em que algoritmos priorizam cliques ao invés de conteúdo.

Outro fator que também contribuiu para o jornalismo tradicional perder um pouco da sua credibilidade com seus espectadores foi a ideia de que determinadas mídias estavam sendo parciais e priorizando algumas pessoas e pensamentos políticos a favor de outras. Dessa forma, surgem novos agentes através de plataformas, como por exemplo o *Youtube*, com o intuito de compartilhar conteúdos trazendo em seu discurso que irão revelar a suposta verdade que foi escondida pelo campo jornalístico, por estar alinhado a alguma posição política (MIGUEL, 2019).

4.3 A RELAÇÃO ENTRE FAKE NEWS E AS REDES SOCIAIS

Boarini e Ferrari (2020) trazem em seus estudos que o problema da desinformação não está somente ligado a um fator, como a queda da credibilidade do jornalismo. Os pesquisadores entendem que a conjunção de alguns fatores têm contribuído para a força do processo de desinformação, são eles:

A configuração das redes digitais, a possibilidade de exploração dos recursos tecnológicos dentro do universo narrativo para alcançar audiências gerais ou delimitadas por bolhas e a crise de confiança sofrida por instituições como a imprensa e a ciência. Não se trata de fatores exclusivamente estanques, mas que têm capacidade de agir de forma simultânea e confluyente (p.40)

Um dos fatores citados pelos pesquisadores é a configuração das redes digitais. Atualmente, todas as pessoas com acesso a tecnologias, como um celular, podem produzir e compartilhar conteúdo. O público deixa de apenas receber as informações das mídias tradicionais e passa a trabalhar como um emissor de conteúdo, algo facilitado pelas redes sociais.

Allcott e Gentzkow (2017) explicam que as barreiras para entrar na indústria da mídia caíram brutalmente, tanto porque agora é mais fácil criar websites, como também é fácil monetizar conteúdo da internet através de anúncios.

As mídias digitais abriram as portas para as pessoas efetivamente se relacionarem com notícias, informações e debates importantes sobre conteúdos relacionados à ciência e saúde, mas também possibilitaram a propagação de desinformação (NGUYEN; CATALAN-MATAMOROS, 2020).

Através das redes sociais, todos possuem uma voz e um espaço para expressar suas opiniões, compartilhar pensamentos e interagirem entre si no mundo digital. Algo importante de destacar quando se trata de desinformação compartilhada em redes sociais é a de que, durante muito tempo, as pessoas acreditavam que a internet era um espaço totalmente separado da vida real e que não haveria consequências para o conteúdo postado.

Nguyen e Catalan-Matamoros (2020) explicam que como as mídias sociais permitem o público se envolver com notícias sobre saúde e ciência, passa a ser difícil diferenciar na internet entre o bom e o mau, o científico e o não científico, e o verdadeiro e falso. Esse fenômeno acontece não só com conteúdo relacionado a saúde e ciência, mas com praticamente tudo na internet. São diversas fontes que podem afirmar diferentes coisas sobre o mesmo assunto e nesse contexto de mídias sociais, quando o usuário se depara com diferentes afirmações, pode se tornar complicado determinar quem está certo e quem está errado.

Newman et al (2017) destacou a relação entre as diversas plataformas e a disseminação das fake news no relatório Digital News Report, do Reuters Institute, no qual também mostrou resultados que sugerem que a combinação de ausência de regras e algoritmos estão encorajando a disseminação rápida de conteúdos de baixa qualidade e 'fake news' (apud DELMAZO; VALENTE, 2018).

O grande problema são as consequências dessas fake news compartilhadas em redes sociais. No mundo digital, as pessoas possuem autonomia para falar o que desejam, e é olhando para esse âmbito da liberdade de expressão que muitos compartilham desinformação e fake news.

Existem, atualmente, diversos debates envolvendo os limites da liberdade de expressão quando se envolve o mundo da internet e as redes sociais. Um desses debates se refere às restrições que algumas redes sociais impõem a seus usuários para tentar impedir a disseminação de desinformação.

Desde 2016, diversos acadêmicos se voltam para os estudos dos impactos das fake news nas redes. Após diversas discussões, desenvolvedores e donos de plataformas digitais começaram a pensar em ferramentas para auxiliar no combate à

desinformação. O *Facebook*, por exemplo, sofreu modificações. Após afirmações de que a rede social, através do conteúdo falso compartilhado nela, teria contribuído para a eleição de Donald Trump, a direção da empresa anunciou um conjunto de mudanças em sua estrutura.

Uma das mudanças propostas pelo *Facebook* para diminuir a desinformação existente na plataforma foi passar a identificar histórias que estavam sendo compartilhadas por pessoas que apenas leram a manchete do texto sem de fato ler o conteúdo completo. A implementação dessa classificação aconteceu com a explicação de que se os usuários lerem a informação e não compartilharem, isso mostra que pode ter algo errado com a história. Assim, se o usuário compartilhar sem realmente ler a postagem completa, é possível que ali tenha informações incorretas.

Da mesma forma, a plataforma implantou a possibilidade de usuários marcarem uma publicação como falsa, alertando para que organizações externas de fact-checking (verificação de fatos) possam confirmar se o conteúdo é considerado incorreto ou não (JAMIESON; SOLON, 2016).

As agências de fact-checking, ou de verificação de fatos, surgem como uma forma de tentar mostrar à população quais conteúdos circulando no âmbito digital e real são falsos e quais são verdadeiros. Spinelli e Santos (2018, p. 778) esclarecem:

As iniciativas de fact-checking são fundamentais para que a imprensa crie consciência – e parta para ações efetivas - de que para enfrentar a disseminação de notícias falsas, o jornalismo profissional deve assumir o papel de guardião da credibilidade das notícias e deixar transparente os métodos de apuração para que os leitores entendam como as notícias foram checadas. Na era da pós-verdade, em que fatos objetivos são menos relevantes que emoções e crenças pessoais, o jornalismo precisa apostar na sua essência: o compromisso com a qualidade e apuração dos fatos.

Costa (2019, p. 2) explica que “o fact-checking é um serviço que consiste na checagem de discursos, normalmente proferidos por políticos ou por pessoas públicas de alta relevância na sociedade em noticiários ou em campanhas eleitorais”. Tendo seu início em meados do anos 1990 nos Estados Unidos, hoje os chamados verificadores ou “checadores” focam normalmente não só em conteúdos expressados por pessoas de relevância, mas também em informações que ganham notoriedade em discussões da sociedade e nas redes sociais.

O *Instagram*, do mesmo dono do *Facebook*, é uma das redes sociais mais utilizadas na atualidade e também possui ferramentas para combater as fake news. Uma das configurações do aplicativo reduz a distribuição de um conteúdo classificado

como falso, dificultando para que as pessoas tenham acesso àquela publicação, removendo-a das abas de pesquisa e de hashtags, assim como sinalizando para que as pessoas não confiarem na informação publicada (INSTAGRAM, 2019).

Em 2018, uma das ações contra fake news da rede social *Twitter* foi impedir publicações idênticas, sendo proibido que pessoas utilizassem softwares para executarem diferentes ações simultaneamente, como curtir ou retuitar de várias contas. Essa medida foi deferida para tentar diminuir a ação de contas automáticas, mais conhecidas como *bots*, que utilizam a rede social para a propagação de notícias falsas (VEJA, 2018).

Embora ele não seja classificado como uma rede social, mas sim como um aplicativo de mensagens, o *Whatsapp* também é considerado um dos maiores meios de compartilhamento de fake news. Uma pesquisa realizada sobre as notícias falsas a respeito do coronavírus apontou o *Whatsapp* como a plataforma mais utilizada na disseminação de desinformação, seguido do *Instagram* e do *Facebook* (GALHARD ET AL, 2020). Sendo assim, o aplicativo já anunciou, ao longo dos anos, diversas mudanças e atualizações para diminuir a propagação de desinformação.

Entre as diferentes configurações ao longo dos anos, em 2020, o *Whatsapp* começou a limitar mensagens que haviam sido classificadas como encaminhadas com frequência em uma tentativa de diminuir o compartilhamento em massa de fake news.

Em seguida, a rede de mensagens instaurou outro recurso com o propósito de ajudar o usuário a procurar de maneira mais fácil na internet se a mensagem recebida possuía uma informação correta ou incorreta. A empresa informou que ao fornecer uma maneira simples de pesquisar na internet sobre o conteúdo desse tipo de mensagem, estaria ajudando os usuários a encontrar notícias ou outras fontes de informação sobre o conteúdo recebido (WHATSAPP, 2020).

No entanto, é importante registrar que mesmo tomando algumas iniciativas contra as fake news, as redes sociais e aplicativos de mensagens são empresas que funcionam visando o lucro, algo que pode interferir na solução do problema da desinformação, uma vez que a visibilidade de um conteúdo traz lucro, sendo ele verdadeiro ou não.

Costa, Nobrega e Maia (2022) explicam, ao abordarem o *Twitter*, que o cenário da rede social é favorável à circulação de conteúdo enganoso e entre os motivos está principalmente o seu modelo de negócios, com a extração de dados dos usuários, a segmentação deles e a venda para empresas anunciantes. As

pesquisadoras ainda comentam que “é por meio desse modelo [...] que o *Twitter* e outras plataformas como o *Facebook* lucram a partir do alto engajamento de publicações, independentemente de serem verdadeiras ou falsas” (p. 25).

Dessa forma, é possível entender que mesmo que as redes sociais tomem algumas iniciativas para tentar parar a disseminação de conteúdo enganoso, ainda existem limitações nas iniciativas considerando que pode haver uma grande perda de lucro por parte das empresas se por exemplo, todo o conteúdo falso for removido das plataformas. Assim sendo, as soluções trazidas pelas redes sociais não se mostram suficientes para acabar com o problema.

Em seus estudos, Costa, Nobrega e Maia (2022, p. 25) concluem:

Esse tipo de solucionismo, por meio da moderação de conteúdos, implica em ratificar mais poder às próprias plataformas na construção das narrativas que irão circular na sociedade, minimizando-se que se trata de empresas privadas que possuem seus próprios interesses econômicos e que lucram com a desinformação por meio do alto engajamento de publicações.

Assim, se mostra necessária a atuação do governo promovendo ações que tragam uma melhor solução ao problema da desinformação.

4.4 A CRIMINALIZAÇÃO DAS FAKE NEWS

Embora as empresas responsáveis pelas redes sociais e aplicativos de mensagens mostrem uma certa preocupação sobre a circulação de fake news em suas plataformas, um tema como esse que pode provocar tantos impactos deve ser observado não apenas na esfera da iniciativa privada, mas também no âmbito público.

Foi pensando nisso que alguns políticos resolveram tratar a discussão como um problema que afeta a população e deve ser reconhecido como uma das responsabilidades do governo. Atualmente, existem diversos projetos de lei em análise no Senado Federal do Brasil que são relacionados e tentam trazer uma solução para os problemas de desinformação e fake news no país.

Segundo Monteiro (2022), as propostas que estão dispostas para análise possuem o propósito de alterar a legislação em vigor ou até mesmo criar novas leis para criminalizar a criação e a distribuição de notícias falsas na internet e nas redes sociais, assim como definir as devidas punições para esses crimes.

Um grande problema desse tema, brevemente citado anteriormente, é que quando se fala do governo interferir em redes sociais, algo que é considerado privado e individual, existe a discussão sobre a liberdade de expressão das pessoas e como ela pode ser tirada por causa das leis propostas que pretendem de certa forma fiscalizar o que a população está publicando.

Em 2021, por exemplo, o próprio presidente do país Jair Bolsonaro sancionou um projeto que revoga a Lei de Segurança Nacional, mas vetou os trechos que se referiam a criminalização da divulgação de notícias falsas com a intenção de atacar o processo eleitoral. A proposta era de que fosse criado o crime de "comunicação enganosa em massa", mas Bolsonaro vetou com a justificativa de que seria uma ação que iria contrariar o interesse público por poder trazer ambiguidade ao que seria a conduta, o ato de gerar a notícia ou apenas compartilhar (VERDÉLIO, 2021).

Durante a época, Bolsonaro inclusive estava sendo investigado no Supremo Tribunal Federal no inquérito das fake news. O presidente havia sido inserido no inquérito por disseminar informações falsas a respeito das urnas eletrônicas e a lei proposta poderia atingir o processo (SOARES; PORTINARI; DANTAS, 2021).

Outra pauta atualmente sobre o tema é o PL 2.630/2020, o Projeto de Lei das Fake News que foi aprovado pelo Senado em junho de 2020, mas se encontra parado na Câmara dos Deputados. De acordo com Monteiro (2022, online), "a proposta cria a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet, com normas para as redes sociais e os aplicativos de mensagens como *WhatsApp* e *Telegram*, com o objetivo de combater a desinformação".

Os deputados que se opõem a aprovação desse projeto de lei normalmente utilizam o fundamento de que a medida pode colocar em risco a liberdade de expressão no país e ainda argumentam que a chamada "regulação das mídias" iria impedir a população de expor seus pensamentos na internet, algo que para eles seria antidemocrático (BORGES; MENDES; FUZEIRA, 2022).

Do outro lado, os que apoiam a aprovação da lei consideram que isso seria uma boa forma de tentar diminuir a presença de fake news nas redes sociais, algo que hoje é bastante comum. Da mesma forma, a lei iria permitir responsabilizar as grandes empresas que permitem um conteúdo falso ter publicidade e ainda ser impulsionado para mais pessoas terem acesso.

Como visto antes, as grandes empresas ainda lucram mesmo que o conteúdo que está sendo compartilhado seja falso. É pensando nisso que vale destacar a

oposição de algumas empresas quanto à aprovação da PL das Fake News. O *Google*, por exemplo, promoveu uma campanha afirmando que o Projeto de Lei só iria aumentar a confusão sobre o que seria verdade ou mentira. No texto publicado no blog oficial da empresa, questionado pelo Ministério Público Federal, a afirmação era de que com a lei, as pessoas que produzem informação falsa poderiam acabar sendo protegidas, gerando uma maior desinformação (PONTES, 2023).

Outro caso semelhante, também questionado e cobrado esclarecimento pelo Ministério Público Federal, foi o da plataforma *Telegram* que disparou mensagens em massa para usuários brasileiros colocando a PL das fake news como algo negativo. Na mensagem, a empresa afirmava que o projeto de lei seria uma espécie de ataque à democracia, alegando também que seria uma forma de censura (ALMEIDA, 2023).

Com um certo interesse financeiro por parte das empresas em não eliminar toda a desinformação em suas plataformas, como apontado anteriormente, fica difícil imaginar que não existe uma certa parcialidade por parte das empresas de tecnologia, redes sociais e aplicativos de mensagens na escolha entre ser a favor ou contra o Projeto de Lei das Fake News.

4.5 ASPECTOS DA ACEITAÇÃO DE NOTÍCIAS FALSAS

Embora representem atualmente uma grande influência no fenômeno da desinformação, a existência de modo geral de redes sociais não é o único fator a ser investigado e estudado nesse âmbito. É importante também considerar os usuários dessas redes como indivíduos com características pessoais que irão permitir ou não a aceitação de fake news.

Nguyen e Catalan-Matamoros (2020) explicam que esse é um problema sócio-político profundamente enraizado que existe muito antes da própria internet. Trata-se de um conjunto de fatores humanos que podem atrapalhar o completo raciocínio e permitem que aquele público seja explorado para diferentes tipos de ganhos, como políticos, econômicos e religiosos.

Um dos fatores apontados como algo que potencializa a divulgação de fake news nas redes é a relação de poder de influência presente entre os humanos. As pessoas preferem, em diversas situações, receber informações que confirmem uma opinião já estabelecida, sem verificar se é real. Da mesma forma, elas tendem a aceitar algo como verdadeiro somente pelo ganho que a notícia pode trazer para elas

ou por ser algo aceito por outros (SHU ET AL. 2017A apud FREIRE; GOLDSCHMIDT, 2019).

Bryanov e Vziatysheva (2021, p. 01) identificaram durante um estudo três grupos de fatores que contribuem para a crença das pessoas em fake news, são eles:

Em primeiro lugar, as características da mensagem – como consistência de crença e dicas de apresentação – podem levar as pessoas a acreditarem na desinformação. Em segundo lugar, a suscetibilidade a notícias falsas pode ser determinada por fatores individuais, incluindo estilos cognitivos, predisposições e diferenças nas notícias e na alfabetização informacional das pessoas. Por fim, as intervenções que promovem a precisão, como avisos ou cutucadas, estimulando os indivíduos a pensar sobre a veracidade das informações, podem afetar os julgamentos sobre a credibilidade das notícias falsas.

Um dos fatores individuais citado pelos autores é a predisposição, caracterizada por quando as pessoas tendem a classificar uma notícia como verdadeira se de certa forma aquela notícia confirmar uma ideia pré-estabelecida. As pessoas irão preferir acreditar em algo que confirme suas opiniões à algo que seja contrário a elas. Essa ideia é muito explorada no conceito de pós-verdade.

Em 2016, o dicionário Oxford elegeu *post-truth*, traduzido como pós-verdade, como a palavra do ano. A palavra, segundo o dicionário, é um adjetivo definido como “relacionado a ou denotando circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais” (OXFORD, 2016, online).

Dessa forma, a pós-verdade seria um retrato de uma crença enraizada nos indivíduos que irá continuar igual, mesmo diante de argumentos racionais e fatos que contradizem e comprovem aquela crença como errada. Paula, Silva e Blanco (2018) explicam que existem autores que colocam a pós-verdade como algo relativo, em uma realidade na qual a ideia do que é verdade pode variar dependendo do contexto

Nos dias atuais, essa ideia e o conceito de pós-verdade também estão muito inseridos no meio político, uma vez que pessoas apoiando um grupo político podem não aceitar alguns fatos referentes àquele grupo porque vai de encontro com suas crenças e opiniões já estabelecidas.

Dessa forma, se torna importante abordar as políticas públicas do país e a política de uma forma geral ao discutir sobre assuntos que envolvem e afetam a população, como a vacinação e as consequências das fake news.

5 A POLÍTICA COMO FATOR DA DESINFORMAÇÃO

O contexto político atual do Brasil mostra que após as manifestações do ano de 2013, a grande polarização entre esquerda e direita voltou a ter forças e está até hoje muito presente na vida dos brasileiros. Historicamente, a polarização política não é algo novo, mas algo presente durante muito tempo em diversas situações e contextos ao redor do mundo (CHAIA; BRUGNAGO, 2014).

A polarização pode ser ilustrada pela ideia de que toda sociedade pode ser pensada como um conjunto de grupos no qual indivíduos do mesmo grupo possuem semelhanças de atributos ou características que são diferentes em relação a outro grupo (ESTEBAN; RAY, 1994).

Esteban e Ray (1994) explicam que a polarização possui algumas características como um alto grau de homogeneidade dentro de cada grupo, um alto grau de heterogeneidade entre grupos diferentes e a presença de grupos de tamanho significativo.

Chaia e Brugnago (2014) explicam que após as manifestações de junho de 2013, a política brasileira teve um novo capítulo em sua história marcado pelo afloramento na identificação das pessoas entre esquerda e direita. Os pesquisadores explicam que esse momento se deu porque apesar da população tomar as ruas com um objetivo em comum, protestar pelo aumento da passagem de ônibus, logo as diferenças ideológicas começaram a aparecer e o movimento começou a se dividir em dois rumos de militância opostos.

Sobre esse momento marcante na história política do país, Chaia e Brugnago (2014) explicam:

Os protestos iniciados pelo Movimento Passe Livre, declarado de esquerda com militância pelo transporte público, tiveram crescimento. A partir da forte repressão policial militar e do governo do estado contra tal movimento, a esquerda foi se mobilizando e participando gradativamente dos protestos [...] As reivindicações se multiplicaram, ao ponto de unir no mesmo lugar tanto a esquerda quanto a direita, dos moderados aos extremistas. A união pela causa do passe livre rapidamente se desfez, e as pessoas começaram a declarar suas próprias bandeiras. Passaram a dizer que não era pelos 20 centavos que aconteciam os protestos, mas pela total insatisfação com a política e a sua representatividade no Estado (p. 103).

Os autores explicam que desde então, é possível perceber a presença de uma polarização política no Brasil, com as pessoas se identificando como de esquerda ou de direita. No entanto, a existência de uma polarização política no país ainda não é consenso entre todos os pesquisadores. Há ainda dentro desse contexto, uma discussão sobre qual seria o tipo de polarização, ideológica ou afetiva.

5.1 POLARIZAÇÃO IDEOLÓGICA E AFETIVA

Fuks e Marques (2022) explicam que entre os conceitos de polarização política empregados na literatura internacional, os de polarização ideológica e afetiva são os mais importantes, e ainda ilustram que no caso dos Estados Unidos é algo que acontece naturalmente, com o alinhamento ideológico e com a desafeição entre democratas e republicanos.

Segundo Abramowitz (2010 apud FUKS; MARQUES, 2022), a polarização ideológica é definida como sendo o aumento da distância ideológica entre os principais grupos políticos da sociedade, com o esvaziamento do centro. Atribuindo ao cenário brasileiro, seria o aumento do distanciamento entre a esquerda e a direita política no sentido de concordar com os ideais propostos pelo lado oposto.

Já os autores Iyengar, Sood e Lelkes (2012) defendem a classificação da polarização como afetiva, sendo representada pelo aumento da desafeição entre grupos políticos rivais. Os valores morais podem ser um grande fator nesse tipo de polarização.

Esse tema é discutido tendo como base estudos que se originaram nos Estados Unidos. Atualmente no país há uma clara divisão entre democratas e republicanos, mas são diversas as pesquisas que tentam classificar e entender esse fenômeno.

A polarização ideológica nos EUA é resultado de um longo processo, tendo o ano de 1970 como referência para quando os eleitores dos dois partidos começaram a se tornar mais polarizados. Já a polarização afetiva se dá por momentos de alinhamentos partidários, como por exemplo o alinhamento com a causa de eleitores negros pelo partido democrata (FUKS; MARQUES, 2022).

No Brasil o assunto da polarização ainda não é tão estudado como nos Estados Unidos, mas vem desde as manifestações de 2013 e das eleições de 2014

ganhando a atenção de pesquisadores e cientistas que tentam entender o cenário político atual.

Fuks e Marques (2022), por exemplo, se dedicaram para entender qual o tipo de polarização predominante no país e se existiu ou não um aumento do fenômeno no Brasil no momento pós eleições de 2018. Os pesquisadores concluíram que:

1) Há um aumento da polarização, mas é uma polarização predominantemente afetiva e mais intensa em relação aos candidatos; 2) embora já se observe alguns indícios em 2014, essa polarização afetiva só adquire contornos mais claros em 2018; 3) na dimensão simbólica da ideologia, não há claros indícios de polarização, mas sim de um crescimento e radicalização da direita. Nesse sentido, temos, no máximo, um estágio inicial de polarização ideológica; 4) na dimensão operacional da ideologia, embora os brasileiros estejam mais divididos hoje em relação a assuntos públicos, isso não assume a forma de clivagem partidária (p. 576).

Em relação à polarização afetiva, foi constatado que ela é mais expressiva em relação às lideranças políticas do que em relação aos partidos. Da mesma forma, a polarização, tanto afetiva como ideológica, acontece de forma mais marcante entre os eleitores mais participativos e interessados por política que se tornam extremistas (FUKS; MARQUES, 2022).

É interessante analisar esses resultados e comparar com outras conclusões a respeito da polarização no Brasil para que se tenha uma visão geral e completa. Como mencionado anteriormente, por ser um tema consideravelmente recente na política do país, existem visões conflitantes entre os estudos. Um dos trabalhos sobre o assunto conclui, por exemplo, que existe de forma evidente a presença dos dois tipos de polarização entre os brasileiros, ao contrário do que o estudo já citado traz destacando apenas a presença mais forte da polarização afetiva.

Ortellado, Ribeiro e Zeine (2022) trazem em seus estudos a ideia de que a polarização política no Brasil existe em todos os sentidos consagrados pela literatura. Para eles, existe a polarização de opiniões políticas da massa com temas morais como os direitos da população LGBT, da mesma forma que existe a polarização das identidades de esquerda e de direita a partir de 2014.

Para falar sobre a polarização de temas morais é importante destacar o fenômeno das guerras culturais. Com a presença da polarização surgem debates a respeito de temas que podem ser pensados e vistos de maneira completamente diferente a depender da ideologia por trás.

James Hunter é referenciado como o difusor do termo “guerras culturais”, utilizando a expressão para se referir ao processo no qual temas morais como a legalização do aborto, o controle de armas, entre outros, passaram a ser parte do debate político no Estados Unidos no final dos anos 1980, com um contraste entre a opinião de “conservadores” e “progressistas” (GALLEGO; ORTELADO; MORETTO, 2017).

Gallego, Ortelado e Moretto (2017) explicam que algumas opiniões dos conservadores se referem ao desejo de existir pena de morte, acharem necessária a punição aos criminosos com mais tempo de cadeia, defenderem o direito do cidadão de ter porte de arma, assim como acreditarem que realizar aborto é algo errado, etc. Já os progressistas consideram que fazer aborto deve ser um direito da mulher, defendem a existência de cotas como uma boa alternativa para fazer com que os negros entrem na universidade e querem assegurar os direitos da comunidade LGBT.

Souza e Azevedo (2018, p. 212) compreendem que “as guerras culturais no Brasil são protagonizadas pelos movimentos identitários de esquerda/progressista e de direita/conservador”. Os autores explicam que existe a demanda de que as pessoas sejam sujeitos ativos no debate público e se mobilizem contra o seu oponente, que os movimentos já ditam como deve ser visto, de uma forma que os sentidos já foram todos delimitados, seguindo os ideais do grupo, seja esquerda/progressista ou de direita/conservador.

No Brasil, a polarização de identidade entre esquerda e direita aumentou nos anos 2010 após uma redução durante o período de 1990-2010. Os dados mostram que a polarização encontrada está concentrada nas pessoas com menor escolaridade e nas pessoas mais velhas, algo semelhante ao que acontece em outros países que indica que os mais são mais politizados no sentido convencional (ORTELLADO; RIBEIRO; ZEINE, 2022).

Algo consistente entre os estudos apresentados até o momento é que neles é exposta a existência da polarização no cenário atual político brasileiro. Outro conceito a respeito do tema, analisado por pesquisadores, é o da polarização assimétrica.

Chaia e Brugnago (2014) explicam que a polarização assimétrica acontece entre polos de direita e de esquerda quando um dos lados possuem uma maior presença e intensidade de radicalização. O estudo realizado pelos autores traz justamente o exemplo desse fenômeno, quando foi possível notar que houve

polarização da esquerda, mas sem ir aos extremos, ao mesmo tempo em que a polarização da direita aconteceu com uma maior radicalização.

Fuks e Marques (2022) também exploram o tema ao ressaltar a presença da assimetria da polarização afetiva no Brasil, evidenciando que existe um padrão com a desafeição que os eleitores da direita manifestaram pelo PT sendo maior que a dos eleitores do PT em relação aos seus rivais. Os pesquisadores afirmam: “essa assimetria da polarização afetiva no Brasil é congruente com o contexto de reorganização, mobilização e crescimento da direita e da extrema direita no país” (FUKS; MARQUES, 2022, p. 570).

A polarização pode ser discutida no contexto brasileiro não só como a dualidade entre esquerda e direita, mas também a relação entre apoiadores do Partido Trabalhista (PT) e os que expressam grande aversão ao partido, os antipetistas.

Um estudo sobre análise de votos das eleições de 2018 revelou que através de estímulos de curto prazo, o apoio ao PT foi diminuindo na medida que o antipetismo foi ganhando forças, favorecido por uma campanha altamente polarizada que teve o objetivo de ativar as memórias de experiências negativas em relação ao partido. Como resultado, a rejeição ao Partido Trabalhista foi um forte fator na escolha de voto (AMARAL, 2020).

Esse assunto da polarização no meio político atual brasileiro é trazido à tona para mais uma vez tentar ilustrar como as fake news funcionam atualmente e qual a influência da política nesse fenômeno que é grande preocupação para os comunicadores.

Miguel (2019) explica que assimétrica ou não, a polarização é responsável pela diminuição do debate entre grupos políticos concorrentes e, dessa forma, é um componente presente na definição de fake news. O autor explica:

A disseminação de inverdades com o objetivo de atingir adversários políticos não é nova. Mas as fake news contemporâneas possuem características próprias. Podem ser motivadas por interesses políticos ou, então, apenas econômicos – como os “caça-cliques”, que como regra são alheios às disputas nas quais intervêm e estão buscando apenas a remuneração de publicidade gerada pelo aumento do tráfego em seus canais na web (MIGUEL, 2019, p. 47).

Trazendo novamente a ideia de que as pessoas irão compartilhar o conteúdo que mais lhe agrada mesmo sem ter a certeza de aquilo é verdadeiro, a população começou a se organizar em “bolhas” no mundo digital para apenas consumir

conteúdos que lhe convenham. Dessa forma, as pessoas da esquerda política irão apenas consumir ideias de pessoas que estão nesse mesmo nicho e o mesmo acontece com as pessoas de direita.

5.2 AS BOLHAS DAS REDES E AS CÂMARAS DE ECO

Nas redes sociais, esse processo de pertencimento a um grupo é algo forte e presente. No *Facebook*, por exemplo, existe a liberdade de expressão e uma homofilia natural (tendência dos indivíduos de se associar e de vincular com outros semelhantes) como precedentes para o desenvolvimento de grupos ideológicos que possuem liberdade para se expressarem e se radicalizarem (CHAIA; BRUGNAGO, 2015).

O que acontece nas redes sociais é a presença de diversos filtros que vão selecionar quais conteúdos o usuário terá mais chances de gostar e permanecer mais tempo na rede social. Através de algoritmos que irão analisar as curtidas, o tempo de visualização, o compartilhamento, entre outros fatores, o sistema irá de certa forma aprender qual as preferências do usuário e irá definir o que será exibido para ele, tudo para fornecer uma personalização única para o usuário da rede.

O resultado dessa personalização é considerado a formação de uma verdadeira bolha, na qual as postagens de usuários com ideias, gostos e opiniões similares serão exibidos com uma maior ocorrência, enquanto outros temas começam a se tornar invisíveis para aquela pessoa (FERREIRA; RIOS, 2017).

Ferreira e Rios (2017) evidenciam que uma das consequências do filtro da bolha é que apesar de fornecer o conteúdo que as pessoas desejam, os mecanismos podem promover uma limitação sem dar a oportunidade de testar novas ideias, produtos e informações, resultando em uma câmara de eco.

Jasny, Waggle e Fisher (2015, p. 782, tradução nossa) trazem a ideia da câmara de eco “como uma formação na rede social que transforma o modo no qual a informação é transmitida e interpretada pelos atores”. Os autores ainda explicam que a informação se torna um “eco” quando repete o que já se acredita, ou seja, através do “viés de confirmação”, o conteúdo é visto como mais confiável quando corresponde à visão de mundo das pessoas. Esse processo de ouvir mensagens que se auto afirmam intensifica ainda mais os pontos de vista e leva a opiniões extremas (JASNY; WAGGLE; FISHER, 2015).

Quando o indivíduo está constantemente cercado de outras pessoas que vão apenas confirmar a opinião dele, não há a diversidade de tentar entender outros lados e outras perspectivas a respeito de um assunto. Em diferentes ocasiões, os usuários podem não perceber a existência desse filtro da bolha e acabam acreditando que a grande maioria da população concorda com seus pensamentos e ideais.

Dessa forma, quando há esse encontro de opiniões diversas, algo que no universo da bolha e da câmara de eco não acontece com tanta frequência, pode haver grandes conflitos e hostilidade entre as partes divergentes. Ferreira e Rios (2017, p. 7) explicam: “o perigo resultante são conflitos e intolerância, visto que a polarização gera um enorme vácuo, impedindo o diálogo e, conseqüentemente, a solução racional de problemas sociais”.

É interessante observar como os conceitos e conteúdos trazidos se completam e dão a ideia de um ciclo. A partir da internet, as pessoas são de certa forma inseridas em bolhas que irão reforçar opiniões, sejam elas políticas ou das mais variadas possibilidades, e estão mais suscetíveis a compartilhar desinformação, acreditando em conteúdos que confirmem sua ideia e desacreditando de coisas que vão de encontro à suas crenças. Através das câmeras de eco, ideais políticos também são reforçados levando a formação de extremistas e ao crescimento da polarização no Brasil, outro fator que influencia na disseminação de fake news.

Todos esses fatores são importantes no momento de considerar e analisar a problemática das fake news em um momento de pandemia como a de Covid-19. É importante tentar entender até que ponto a desinformação compartilhada em redes sociais junto com as visões políticas pessoais impactaram em decisões cruciais durante o momento de pandemia, como por exemplo na decisão de se vacinar ou não contra o novo coronavírus.

6 ANALISANDO AS FAKE NEWS A RESPEITO DA VACINAÇÃO DE COVID-19

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou um estado de pandemia devido aos milhares de casos ao redor do mundo do novo coronavírus. Não demorou muito para a população presenciar uma infodemia, com um grande fluxo de informações sobre o vírus, sobre os sintomas da doença, a origem, tipos de tratamento, entre outros fatores.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), durante uma infodemia há um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa.

A OMS esclarece ainda que a palavra infodemia se refere a um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2020).

O grande problema justamente com esse fluxo de informações é não saber ao certo se tudo que está sendo compartilhado é verídico e com embasamentos científicos. Esse ambiente de incertezas, ainda mais por se tratar de um vírus até então desconhecido por muitos, foi suficiente para o surgimento de diversas fake news sobre o assunto.

As notícias falsas compartilhadas sobre a Covid-19 abordam diversos temas como teorias sobre a origem do vírus, métodos de tratamento para a doença sem nenhum apoio científico, questionamentos sobre o número de mortes divulgados, entre outros. Neste trabalho, o principal foco, como já citado anteriormente, será nas fake news que mencionam a vacinação contra o coronavírus.

Uma pesquisa realizada por Roozenbeek et al (2020) revelou que embora não seja a maioria da população que acredite em desinformação sobre a Covid-19, existem partes do público que confiam em notícias falsas que representam um risco potencial para a saúde pública. O estudo também foi capaz de demonstrar que há uma ligação entre a pessoa que é suscetível a desinformação com a hesitação vacinal, assim como existe uma relação com a probabilidade reduzida de cumprir as orientações de saúde pública

Logo no começo da pandemia, umas das primeiras notícias falsas verificadas pela agência Lupa sobre o tema dizia respeito à criação de vacinas por alguns países específicos, como Cuba ou Israel. No entanto, durante a época que esse rumor circulou, ainda não havia evidências de que houvesse um imunizante pronto para combater o SARS-CoV-2 (MORAES, 2020a; MARÉS, 2020).

É interessante destacar que grande parte das fake news mencionadas neste projeto são verificadas pela Agência Lupa através de uma parceria com a plataforma *Facebook*. Em um dos capítulos anteriores, foi abordado justamente como a rede social criou essa iniciativa para diminuir a disseminação de conteúdo enganoso na internet.

Em suas verificações, a Lupa faz questão de detalhar como chegou até aquela notícia falsa e em grande parte dos casos, o conteúdo foi verificado depois que usuários do *Facebook* solicitaram que a informação fosse averiguada. Esse é o caso das fake news sobre a criação da vacina contra a Covid-19, ainda em março de 2020, por Cuba e Israel.

A escolha desses países pode demonstrar uma certa necessidade de exaltação, tendo em vista que simbolicamente Cuba e Israel podem representar dois lados opostos e naquele momento, quando todos queriam a vacina, ser o primeiro a desenvolver uma poderia significar algum tipo de poder.

6.1 AS CONSPIRAÇÕES E SUAS INFLUÊNCIAS NA POPULAÇÃO

Um discurso presente em algumas fake news sobre a vacina que merece ser estudado e aprofundado é o discurso conspiracionista. Esse tipo de discurso foi observado em boatos que trazem possíveis teorias da conspiração em seu conteúdo. Essas teorias disfarçadas de notícias podem influenciar nas decisões da população quanto à medidas de prevenção e tratamento.

A pandemia como um todo foi alvo de teorias da conspiração, com diversas desinformações sendo espalhadas apontando um possível motivo secreto para a disseminação do vírus. Foram vários os motivos e diferentes culpados apontados desde o começo da doença, partindo de razões políticas, assim como razões financeiras, e até mesmo uma possível tentativa de controle da população por parte de algum grupo ou governo.

Uma das fake news analisadas que apresentou esse tipo de discurso conspiracionista se refere a uma tentativa do fundador da Microsoft, Bill Gates, de vacinar a população como uma forma de monitorar as pessoas através da tecnologia 5G. A Lupa trouxe a mensagem na íntegra para apontar a falsidade do conteúdo:

Tenho que confessar, Bill Gates realmente é um gênio do mal! É fácil controlar quem gosta de ser submisso. O Gates está finalizando a vacina INO-4800, não líquida, que irá salvar toda humanidade! Uma vacina em formato de selo que vai sobre a pele, pois segundo Gates é menos dolorida e mais eficiente! Cada selo (vacina) terá um código individual por pessoa. “Depois de serem todos contaminados, ops...digo, vacinados! Você só conseguirá acessar suas redes sociais, Google, contas da Microsoft entre outras, se você digitar ou escanear o código que está no selo (da vacina). Uma forma eficiente e engenhosa de controlar todos (QUEIROZ, 2020a)

O conteúdo enganoso ainda traz que a nova tecnologia do 5G seria a responsável por monitorar a população 24 horas por dia, algo que já estaria em funcionamento na China, com o agravamento de que no país o governo teria confiscado todos os aparelhos eletrônicos. Através de uma verificação detalhada, a Lupa mostrou que essa mensagem que estava sendo compartilhada no *Facebook* era falsa.

Em um primeiro momento de análise é possível perceber justamente que a ideia passada pelo texto enganoso é de que a partir da vacina, as pessoas iriam se tornar controladas e que algo inicialmente mostrado como benéfico iria ser usado para enganar e monitorar as pessoas. A marca textual ao falar que a vacina seria uma forma de controlar as pessoas evidencia a presença do discurso do conspiracionismo.

Ferreira (2021) explica que com a pandemia de Covid-19 e com a necessidade do confinamento e de medidas de prevenção surgiram condições necessárias ao desenvolvimento de crenças conspiratórias. O autor ainda desenvolve que “essas condições incluem a sensação de vulnerabilidade física, psicológica, financeira, num quadro de incerteza desenhado a partir de imposições vindas do poder formal (governo, autoridades, elites científicas)” (p.136).

Nos Estados Unidos, uma teoria da conspiração se espalhou pela rede social *Twitter* acompanhada da *hashtag* *FilmYourHospital* (Filme seu Hospital) com a intenção de fazer as pessoas acreditarem que toda a pandemia era mentira ou não tão grave como estava sendo veiculado e que os hospitais se encontravam vazios. Os responsáveis por inflamarem essa teoria da conspiração na rede social foram

apontados como sendo políticos conservadores e ativistas da direita política no *Twitter* (GRUZD; MAI, 2020)

No Brasil, o conteúdo falso apresentado anteriormente, verificado pela Agência Lupa, é apenas um exemplo entre diversas mensagens compartilhadas nas redes sociais e em aplicativos de mensagens que contribuíram com o discurso conspiracionista durante a pandemia. Outra fake news que pode ser apontada como influenciada pelo discurso conspiracionista e segue a mesma linha de raciocínio da desinformação apresentada anteriormente se trata de uma informação no *Facebook* que sugeria que as vacinas produzidas para combater a Covid-19 poderiam interferir diretamente no material genético do ser humano (PASSARINI, 2020)

Da mesma forma, uma outra fake news envolvendo Bill Gates que também precisou ser verificada pela Agência Lupa trazia em seu conteúdo que o fundador da Microsoft havia afirmado que a vacina iria modificar o DNA das pessoas (MACARIO, 2020). Semelhante a isso, ainda houve disseminação de uma desinformação que alegava que o empresário Bill Gates teria previsto que as vacinas iriam matar ou prejudicar mais de 700 mil pessoas (MORAES, 2020b).

O que acontece nesse tipo de notícia falsa é a utilização de nomes de pessoas de renomes para conseguir de certa forma uma credibilidade para o conteúdo. As fake news desse estilo se apoiam em nomes de celebridades, pessoas famosas da área da ciência e organizações para compartilhar conteúdo falso de uma forma que ele fique muito perto da realidade, uma vez que tal pessoa de renome estaria confirmando a informação.

Nas fake news estudadas, não foi tão grande a presença de mensagens que atribuíam o conteúdo falso ao nome de alguém renomado na sociedade, mas foi algo que esteve presente o bastante para merecer esse destaque. Na maioria dos casos, o discurso passado nessas notícias falsas trazia a ideia de que a vacina seria prejudicial e mesmo assim seria algo imposto pelos governos, se tratando, portanto, de um discurso conspiracionista. O grande problema desse discurso são as consequências que ele pode trazer para a população, principalmente em um momento de pandemia.

Uma estudo realizado por Romer e Jamieson (2020) expôs que um dos desafios contínuos para o controle da pandemia são ocasionados pelas conspirações e suas associações com a não aceitação de ações recomendadas por autoridades.

Um estudo realizado em 2020 evidenciou que crenças em teorias da conspiração relacionadas ao Covid-19 estavam fortemente relacionadas com a crença em outras teorias mais abrangentes e correlacionadas com atitudes mais negativas em relação às respostas do governo. Da mesma forma, a pesquisa mostrou que pessoas com níveis menores de educação se mostraram ter uma relação maior com as teorias de conspiração (GEORGIU; DELFABBRO; BALZAN, 2020).

Sobre isso, Nyhan and Reifler (2015, apud ROMER; JAMIESON, 2020) esclarecem que pessoas que seguem crenças de teorias da conspiração são mais prováveis a resistir a ações recomendadas por agências públicas de saúde. Dessa forma, fica evidente que esse tipo de discurso possui grande poder em influenciar as atitudes da população quanto às decisões importantes. Durante a pandemia, por exemplo, o conspiracionismo se mostrou evidente nas fake news com temas relacionados à saúde, levando as pessoas a acreditarem que a vacina ou até mesmo o uso de máscaras seria só uma forma de alguma instituição exercer poder ou controle sobre a população.

Dessa forma, é possível perceber que o movimento antivacina, já discutido neste estudo, tem em sua essência um discurso conspiracionista que através de desinformação faz com que as pessoas acreditem em teorias elaboradas sobre vacinas, seja um motivo oculto para a necessidade delas ou possíveis consequências não divulgadas para o público.

Um exemplo que pode ilustrar a ideia é o caso de um conteúdo enganoso que estava sendo compartilhado nas redes sociais relacionando a vacina produzida na China com alguns efeitos colaterais. Na mensagem, classificada como falsa, o autor trouxe a afirmação de que a vacina chinesa teria causado reação durante os testes junto à uma foto de uma pessoa com o rosto claramente inchado. No entanto, a imagem não passava de uma foto antiga na qual um estudante sofreu uma reação alérgica à amendoim (QUEIROZ, 2020b).

Algo interessante de se mencionar é como as fake news não precisam necessariamente serem baseadas completamente em conteúdo falso e imagens manipuladas. O que pode e acontece em muitos casos é a utilização de algum elemento verdadeiro. No caso exposto, por exemplo, a imagem mostrando a pessoa com o rosto danificado não possuía manipulações digitais, sendo apenas colocada em um contexto em que nada conduzia com o real.

Em fake news assim, é muito fácil de perceber como isso pode influenciar as pessoas. Com a associação da vacina à efeitos colaterais que poderiam danificar a saúde das pessoas, aqueles que acreditarem no conteúdo visto nas redes sociais são suscetíveis a não se vacinarem por medo de reação semelhante à compartilhada na notícia falsa.

Jolley e Douglas (2014) esclarecem que já é algo demonstrado em estudos que crenças em teorias da conspiração antivacina estão associadas à redução de intenção de vacinação. Esses efeitos são ocasionados por uma percepção de perigo vindo das vacinas. Dessa forma, os autoras concluem que as teorias da conspiração a respeito do assunto parecem funcionar introduzindo suspeitas sobre a segurança da vacina e proporcionam o aumento do sentimento de impotência nas pessoas, ao mesmo tempo em que a confiança nas autoridades é diminuída.

6.2 O DISCURSO DO NEGACIONISMO EVIDENCIADO NA PANDEMIA

Durante toda a pandemia, houve pessoas que se recusaram a seguir a recomendação das autoridades, seja por uma consequência do discurso conspiracionista em não acreditar nas orientações feitas por achar se tratar de uma enganação, ou pelo simples fato de negar a existência do perigo.

Dentro desse aspecto, surge também a necessidade de destacar que algumas figuras de autoridade seguiram direção contrária ao consenso geral de cientistas e incentivaram um discurso negacionista, diminuindo o real perigo da pandemia de Covid-19, como foi o caso do ex-presidente Jair Bolsonaro.

Logo no início da pandemia, Bolsonaro em diversas ocasiões minimizou a gravidade da situação, contrariando especialistas e a Organização Mundial da Saúde. Em suas falas, o ex-presidente se mostrou contra as medidas de isolamento e depositava sua confiança em remédios sem eficácia comprovada contra o vírus, como os medicamentos cloroquina e hidroxicloroquina (ALCANTARA; FERREIRA, 2020).

Ao negar o verdadeiro perigo do novo coronavírus, Bolsonaro perpetuou um forte discurso negacionista, possivelmente levando também a seus seguidores à acreditarem que a doença não passava de uma “gripezinha”, como declarado pelo ex-presidente em março de 2020.

Mesmo não sendo o objetivo principal do estudo, vale destacar a presença de fake news durante a pandemia que negavam completamente que a Covid-19 era um

vírus mortal e perigoso, e se apoiando no discurso conspiracionista, alegavam que os números de mortes divulgados nas mídias não passavam de uma forma de manipulação.

Em diferentes notícias falsas existia a tentativa de negar a gravidade do vírus, com argumentos de que caixões funerários estavam sendo enterrados vazios, com a ideia de que os números de contágio e de morte estavam sendo inflamados e fraudados, assim como uma tentativa de mostrar que hospitais considerados lotados estavam vazios.

Boatos como esses servem para fortalecer o negacionismo a respeito das informações oficiais divulgadas pelos órgãos oficiais de saúde do país, em uma tentativa de fazer a população acreditar que a doença não é tão grave como a comunidade científica afirma.

O negacionismo científico aparece com uma frequência nas fake news a respeito da Covid-19. O tema foi uma narrativa presente em muitos momentos na discussão sobre o vírus, e como observado na pesquisa, sua regularidade em diversas notícias falsas torna possível considerá-lo uma formação discursiva (FD).

Morel (2021, p. 3) explica que “os negacionistas da pandemia passaram a desqualificar e agredir os cientistas e o discurso científico, sem necessariamente argumentar de fato sobre a dúvida gerada”. A pesquisadora ainda explica que se tornaram comuns as narrativas em que eram questionadas a quantidade de mortos pela doença, com a ideia de que isso fazia parte de uma conspiração política para destruir governos de extrema-direita.

Fica evidente então que o negacionismo e o conspiracionismo estão interligados quando se trata da Covid-19, ambos os discursos sustentados pela disseminação de notícias falsas.

O negacionismo durante a pandemia, assim como as teorias da conspiração a respeito da covid-19, possuem características políticas que são passadas nas informações falsas de forma direta ou indireta. No entanto, existem outros fatores que contribuem para as pessoas recusarem os fatos científicos.

De acordo com Morel (2021, p. 5):

Há aqueles que negam visando ao lucro, mediante um desejo de morte e extermínio, e os que entram em negação diante de uma realidade tão dura de que são vítimas. Os governantes empenhados em negar a gravidade da doença, que sabem das consequências nocivas dos seus atos, ocupam uma posição distinta daquela de um trabalhador informal, por exemplo, que não

tem condições de colocar em prática o isolamento e acaba minimizando os perigos da doença.

Quando se trata de abordar o negacionismo a respeito das fake news sobre a vacinação contra Covid-19, é possível encontrar rastros desse discurso em conteúdos que questionam os testes científicos realizados para as vacinas serem disponibilizadas para a população.

Uma desinformação analisada que apresenta esse discurso negacionista trouxe a afirmação de que a vacina chinesa não havia sido testada em humanos. O conteúdo compartilhado no *Facebook* contava com a imagem do diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom, e com a legenda afirmando “OMS admite que VACINA CHINESA não foi testada em lugar nenhum do mundo e João Doria, vai testar nos ‘Paulistas’”. Acompanhada da foto, a postagem continha também um texto com os dizeres:

Sendo Doria associado da empresa chinesa e, desde 2019 para produção da vacina contra o Corona, já sabia que haveria uma pandemia, não duvido que coloque mais vírus nas tais vacinas, visando criar mais calamidades e faturar em cima dos mortos e dos caixões. Por que então promoveu o carnaval e, de tão faceiro com o que estava por vir, até bancou o ridículo fazendo dancinhas e sacudindo a bunda em cima das mesas. Médicos já adiantaram que não se deve tomar essa vacina, pois além de poder provocar várias enfermidades, ainda tirará toda a imunidade do corpo. É uma mistura de HIV com Corona (AFONSO, 2020a).

Em uma primeira análise o foco é na tentativa de deslegitimar quaisquer avanços que a vacina chinesa tenha apresentado. No momento que essa postagem foi desmentida pela Lupa, a agência explicou que a CoronaVac, criada pela farmacêutica chinesa Sinovac, já havia passado pela primeira e segunda fase de ensaios clínicos com humanos.

Essa tentativa de não reconhecer a vacina pode ser vista como uma negação científica, questionando os resultados apresentados até então pela farmacêutica. Novamente, o nome da Organização Mundial de Saúde é citado como uma forma de tentar dar um ar de veracidade para a notícia falsa.

Fazendo o análise da mensagem como um todo, surgem também outras questões que devem ser discutidas com um aprofundamento para ter uma visão completa da história da vacinação contra a Covid-19 no Brasil. Uma dessas questões é o fator político, presente em muitas fake news sobre o tema estudado.

6.3 A POLÍTICA COMO FATOR NA VACINAÇÃO CONTRA A COVID-19

Como mencionado no capítulo anterior, a política está presente na formação de muitas notícias falsas. No cenário atual, as fake news são utilizadas como uma forma de estratégia, muitas vezes agindo de forma clara e objetiva, como por exemplo na divulgação de informações falsas sobre um determinado concorrente político.

É importante situar o Brasil de 2020, ano inicial da pandemia no país, em um momento de grande polarização política no país, fenômeno que vem aumentando desde as eleições de 2014. Como já abordado neste trabalho, a polarização e a visão política pessoal apresentam uma grande influência na forma como as pessoas percebem determinados assuntos.

O pertencimento a um grupo leva as pessoas a criarem um antagonismo com o outro lado e dessa forma rejeita tudo que vai contra as suas ideologias. É por esse motivo que os cidadãos tendem a acreditar em fake news que apoiam o seu lado político e colocam o adversário como o lado errado.

No exemplo ilustrado acima, o criador da notícia falsa utiliza de maneira clara o ex-governador de São Paulo João Doria como uma espécie de vilão que está trabalhando para prejudicar a população e faturar com isso. Para entender como o discurso político funciona nessa desinformação e em outras fake news a respeito da vacinação envolvendo o então governador João Doria, é preciso estabelecer a relação de Doria com a vacina e com o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Como já mencionado, o então presidente Bolsonaro inicialmente negou a necessidade de algumas medidas contra a Covid-19. Por muito tempo seu discurso focou em como o crescimento econômico a prosperidade eram mais importantes que a preocupação com a resposta ao vírus, criticando inclusive o distanciamento social. Bolsonaro chegou até a comentar que enxergava o desemprego tão ruim quanto o próprio coronavírus (BARBERIA E GÓMEZ, 2020).

Morel (2021) entende que os governantes empenhados em negar a gravidade da doença, sabendo das consequências nocivas dos seus atos, ocupam uma posição distinta daquela de um trabalhador que não tem como praticar o isolamento e acaba minimizando os perigos da doença.

O então presidente preferiu concentrar suas preocupações com a pandemia em fornecer para a população um remédio que não tinha valor científico contra o novo coronavírus. Enquanto insistia na distribuição da cloroquina e hidroxicloroquina,

Bolsonaro rejeitou acordos para trazer uma vacina ao Brasil (BRITO; DARLINGTON, 2021).

Bolsonaro, além de não demonstrar muitos esforços para conseguir uma vacina no Brasil, ainda chegou a insinuar que a vacina poderia ser perigosa, até mesmo ironizando que o imunizante poderia transformar as pessoas em jacarés (TAYLOR, 2021).

Diante desse cenário, em um momento no qual a principal esperança para a diminuição das mortes no país era uma possível vacina, o então governador João Dória ao não ver tentativas do Governo em conseguir um imunizante para a população decidiu estabelecer contratos para trazer a vacina contra o Covid-19 para o Brasil.

Dessa forma, Alcantara e Ferreira (2020) identificaram que João Dória atuou como um dos principais antagonistas da conduta do presidente no início da pandemia. Sobre a situação política durante a pandemia, os pesquisadores afirmam:

A análise sugere que, no Brasil, a própria pandemia foi enquadrada no contexto da disputa política local, bem como pela polarização e toxidade que têm caracterizado o debate público no país, o que ficou refletido nas narrativas de desinformação sobre a covid-19. A desinformação sobre a pandemia atuou em compasso com vozes e agendas específicas, em semelhança com o demonstrado por outros estudos no período eleitoral de 2018 e em pontos de inflexão da atual governação brasileira. Este processo pode ter agravado, no país, os efeitos da maior crise sanitária de nossa geração, influenciando medidas de resposta, e não de somenos importância, as reações da população (p. 155)

Partido disso, as fake news verificadas pela agência Lupa com menção a Dória e ao uso da vacina chinesa devem ser analisadas com a ótica do discurso político, entendendo o papel do negacionismo e das teorias da conspiração nesse debate entre os políticos durante a pandemia de Covid-19.

Utilizando da notícia falsa apresentada, um usuário do *Facebook* faz uso da sua rede social para compartilhar que Dória, em associação com a China, sabia que haveria uma pandemia e desde 2019 já estaria trabalhando para produzir uma vacina. Não é preciso se aprofundar para perceber que esse tipo de fake news tinha a intenção de abalar a confiança da população no governador de São Paulo e na vacina trazida por ele ao Brasil.

O que merece atenção de maneira mais aprofundada é justamente entender o momento em que essa desinformação estava sendo compartilhada, em uma situação na qual existia tensão entre Jair Bolsonaro e João Dória. Uma polarização política que

em 2018 estava bem marcada entre o Bolsonaro e o Partido dos Trabalhadores (PT) apresentava então um novo personagem que iria ser responsável por ir contra ao então presidente.

Quando o criador da notícia falsa afirma “não duvido que coloque mais vírus nas tais vacinas, visando criar mais calamidades e faturar em cima dos mortos e dos caixões” fica claro a tentativa de posicionar João Dória como um vilão. No entanto, neste momento é difícil delimitar se este conteúdo está sendo utilizado só para atacar um político, sendo criado para esse único propósito, ou se o criador de fato acredita na teoria da conspiração.

Na mesma época em que essa notícia falsa analisada circulou nas redes sociais, uma semelhante também estava sendo compartilhada se tratando de uma acusação ao governador Doria de que este sabia da existência do novo coronavírus ainda em 2019. O conteúdo falso trazia: “Dória disse que assinou convênio para essa vacina em agosto de 2019? Ué, então quer dizer que já sabia do vírus em agosto do ano passado?!” (AFONSO, 2020b).

A legenda estava acompanhada de uma captura de tela de uma entrevista de Doria ao canal de televisão CNN Brasil. A entrevista se tratava do anúncio de que a vacina estaria disponível para a população até junho de 2021.

Segundo o método de verificação da Lupa, a desinformação se baseia em uma interpretação errada de uma fala durante a coletiva de imprensa. Na verdade, o que Doria afirmou foi que a parceria entre o Instituto Butantan e a farmacêutica Sinovac para a realização de testes no Brasil só se tornou possível por causa da abertura de um escritório comercial em Xangai, na China, em agosto de 2019.

Como já abordado previamente, podem existir diversos motivos para que as pessoas compartilhem fake news nas redes sociais. Dessa forma, se torna uma tarefa complicada tentar entender exatamente se aquela mensagem foi influenciada por ideias políticos, se a pessoa sabe que aquela notícia é falsa, mas mesmo assim a compartilha para atingir alguém ou até mesmo se a pessoa acredita fielmente no que está compartilhando.

Através da análise que aqui realizamos, existe a tentativa de reconhecer quando as mensagens compartilhadas estão sendo influenciadas por discursos políticos, negacionistas, conspiracionistas ou até mesmo a junção de mais de um. Nessa última desinformação analisada, por exemplo, foi possível perceber a presença do discurso político assim como o discurso conspiracionista.

Outro detalhe a se analisar é o destaque, nessa e em outras fake news, do local de origem da vacina, sendo visualizado que na maioria dos casos analisados, quando se trata da vacina chinesa, o tema é abordado de maneira depreciativa. Desde o começo da pandemia, a China foi vítima de notícias falsas por parte de um discurso conservador da direita indo contra a doutrina do país, o comunismo. As fake news iam de conteúdos com teorias da conspiração sobre a origem do vírus à aplicação da vacina.

São diversos os conteúdos que apresentam uma mensagem negativa a respeito da China e da sua relação com a Covid-19. O fato do país ser comunista é constantemente destacado e isso impulsiona a distribuição e recepção dessas fake news por pessoas que apoiam o discurso conservador de direita.

Um estudo realizado por Gramacho e Turgeon (2021) mostrou que durante pesquisas de intenção de vacinação, as vacinas produzidas em alguns países mostraram sofrer uma maior rejeição. Os pesquisadores ainda explicam que a relação do então presidente Jair Bolsonaro com a China o levou a criticar abertamente o imunizante desenvolvido pela Sinovac Biotech, algo que inicialmente levou diversos brasileiros a rejeitarem a vacina.

Assim, é possível concluir que o posicionamento do ex-presidente com críticas a China, algo presente desde o começo do seu mandato, junto à tensão política entre ele e o ex-governador João Doria foi um fator que pode ter motivado seus seguidores a compartilharem notícias falsas envolvendo a vacina chinesa e João Doria. Durante a pesquisa foi possível identificar diversas notícias falsas que colocavam adversários políticos de Jair Bolsonaro representando um lado do 'mal', enquanto o presidente era atribuído ao lado do 'bem'.

Sobre a relação entre política e a pandemia de Covid-19, os pesquisadores Gramacho e Turgeon (2021) comentam:

Infelizmente, a política encontrou uma maneira de minimizar os riscos associados ao COVID-19 e os esforços para combatê-lo. O debate sobre a vacinação contra a COVID-19 não escapou das lutas políticas, minando as esperanças de erradicação do vírus. Neste estudo, mostramos que um fator importante que explica a probabilidade de aceitar uma vacina diz respeito ao país de origem onde a vacina é desenvolvida, especialmente em países como o Brasil, onde o debate sobre a vacina e sua origem tem sido uma questão política de destaque (p. 2611).

Outro exemplo do discurso político presente em fake news sobre a vacinação contra a Covid-19 foi visto em um conteúdo enganoso que relatava que o governador

de São Paulo João Doria havia proposto que a vacina fosse testada em idosos. O texto, também publicado no *Facebook*, exibia “IDOSOS SERÃO AS COBAIAS. Segundo Dória ele propõem que os aposentados possam ser as cobaias, para vacina chinesa contra o COVID 19” (AFONSO, 2020c).

Mais uma vez fica evidente ao analisar o discurso dessa mensagem que a intenção é prejudicar o político João Doria, de uma maneira que ele seja visto como uma pessoa malvada que estaria disposta a arriscar a saúde de pessoas idosas para testar a vacina. Esse tipo de discurso tem a única finalidade de difamar a imagem da pessoa pública, nesse caso sendo o então governador de São Paulo.

Com um discurso semelhante, também foi encontrada e analisada outra desinformação que relacionava efeitos colaterais à vacina chinesa e à ideia de que a população seria “cobaia” de um grande experimento montado por Doria. A publicação mencionada se refere a manchete de uma notícia na qual uma mulher vacinada contra Covid-19 relata estar com febres e dores no corpo. A legenda acompanhada do link da notícia trazia “A cobaia do Dória que tomou a vacina” (AFONSO, 2020d).

Algo particular sobre essa publicação é que a notícia vinculada trazia uma informação verdadeira sobre a pessoa que se vacinou e apresentou sintomas. No entanto, a publicação erra ao associar a vacina que causou efeitos colaterais com a vacina chinesa Coronavac do laboratório Sinovac, pois se trata do imunizante desenvolvido pela Universidade de Oxford em parceria com a farmacêutica britânica AstraZeneca.

Ao ligar o nome de Doria com a notícia que trazia um aspecto negativo de uma vacina é possível perceber novamente a presença de um discurso político. Além dos exemplos citados e analisados, houve diversos outros casos de fake news trazendo conteúdos que de alguma forma levavam a arruinar a imagem de Doria. No entanto, como o objetivo geral é realizar a análise de discurso, não se mostra necessário expor todas as mensagens estudadas, mas sim entender que isso se evidenciou como algo presente constantemente em desinformações sobre a vacina de Covid-19.

Retornando ao foco da vacina chinesa, é importante destacar um tipo de desinformação que também se mostrou constante e que pode ter reproduzido grande impacto na hora da escolha de se vacinar. O problema se trata de fake news que estavam sendo compartilhadas disseminando que a vacina chinesa poderia matar as pessoas.

O primeiro conteúdo desse tipo foi verificado pela agência Lupa em setembro de 2020, quando a vacina da farmacêutica Sinovac, coordenada pelo Instituto Butantan no Brasil, ainda estava em fase de testes. A mensagem trazia de forma apelativa um depoimento sobre uma suposta mulher que teria enterrado os três filhos após eles terem tomado a vacina chinesa. Como parte da legenda havia a frase: “A *Vachina* já está fazendo vítimas em São Paulo” (RÔMANY, 2020).

O texto trazia a história falsa de como uma amiga da pessoa que fez a postagem no *Facebook* teria vacinado os três filhos para uma futura viagem ao exterior e que após tomarem a vacina teriam começado a passar mal, sendo internados e levados à óbito posteriormente.

As únicas provas, como apontado pela Lupa, são as capturas de imagem de uma suposta conversa no aplicativo de mensagens *Whatsapp* na qual o perfil que compartilhou estaria falando com um familiar das pessoas que morreram. Após pesquisas e verificações, o conteúdo que já havia sido compartilhado por 120 pessoas foi considerado falso e enganoso.

O nome *vachina* apresentado no texto acima ilustra uma forma depreciativa de falar sobre a vacina produzida na China. Analisando esse conteúdo, se pode afirmar que esse relato falso tinha a intenção de deslegitimar a vacina em uma tentativa de provar que por ser um imunizante originário da China, assim como trazido por Doria, só iria trazer prejuízos à população.

O fato do novo coronavírus ter se originado no país oriental contribuiu muito para os ataques que foram vistos em conteúdos enganosos. No entanto, como já mencionado anteriormente, existe um fator político que transforma o país em uma espécie de inimigo responsável pelo momento de pandemia no mundo.

Como observado, por se tratar de análises a partir da Agência Lupa e essa possuir um acordo de verificações de publicações com o *Facebook*, a maioria das fake news analisadas são provenientes da rede social. No entanto, seria limitador pensar que não existe o compartilhamento de notícias falsas também em abundância em outras redes sociais ou aplicativos de mensagens. Em capítulos anteriores já foi abordado justamente como nos dias atuais as redes sociais e a internet possuem um papel importante na disseminação de notícias falsas.

No entanto, quando este cenário também se aplica a um momento de pandemia, as preocupações se tornam maiores. Um estudo evidenciou que ser exposto a informação sobre o vírus nas redes sociais está associado com uma maior

suscetibilidade à desinformação, algo que mostra que as pessoas tem maior probabilidade de encontrar fake news sobre a Covid-19 na internet (ROOZENBEEK ET AL., 2020).

A plataforma de vídeos online *Youtube*, por exemplo, se mostrou como um local suscetível à grande disseminação de conteúdos falsos a respeito da Covid-19 durante a pandemia. Sued (2020) encontrou durante a sua pesquisa sobre o algoritmo de recomendação dentro da plataforma que as fake news sobre vacinação em espanhol formam uma câmara de eco.

De uma forma geral e resumida, o estudo apresentou que sobre os conteúdos falsos “é possível alcançá-los a partir de buscas por informações sobre vacinas, mas ao contrário, informações sobre vacinas não podem ser alcançadas a partir de buscas por conteúdo antivacinal” (SUED, 2020, p. 164).

Embora o referido estudo tenha sido realizado com buscas em espanhol, é possível imaginar que em relação às fake news encontradas na plataforma, a situação também se repita com vídeos em português. O *Youtube* se tornou para muito brasileiros uma fonte de informação. No entanto, o problema é que como qualquer pessoa pode ter um canal e produzir vídeos, nem sempre a informação verdadeira é um critério para a criação de conteúdo. O que pode se sobressair é a busca por cliques através de vídeos sensacionalistas, com mentiras ou até mesmo com teorias da conspiração sobre o novo coronavírus e as vacinas produzidas.

Sobre a relação entre as mídias e a vacinação, Wilson e Wiysong (2020) explicam que com a crença de que as vacinas não são seguras, surge o uso das redes sociais para grupos organizarem ações fora das redes, dando apenas mais combustível à essas crenças já existentes. Os pesquisadores ainda esclarecem: “existe uma relação significativa entre a organização nas redes sociais e as dúvidas do público sobre a segurança das vacinas. Além disso, existe uma relação substancial entre as campanhas de desinformação no exterior e o declínio da cobertura vacinal” (2020, p. 1).

Observando a situação das fake news sobre assuntos da pandemia sendo compartilhadas nas redes sociais, assim como de forma geral, o governo precisou investir em ferramentas para ajudar à população. Sobre isso, Sousa Júnior et al. (2020, p. 339) explica:

Para combater a desinformação que pode levar ao estado de medo e ao caos, o Ministério da Saúde do Brasil, principal órgão no enfrentamento da pandemia da COVID-19, faz uso de alternativas eficazes para minimizar os danos causados pelo compartilhamento de notícias falsas nas redes sociais virtuais, como a exibição de mensagens de alerta para o conteúdo das informações ao se realizar uma busca do termo “coronavírus” nas principais redes sociais (Facebook, Instagram e Twitter), além de criar uma página, um aplicativo e uma comunicação direta via WhatsApp, que são canais dedicados a revelar e a esclarecer as Fake News, conscientizando a população a partir da educação para a saúde.

Contudo, seria incompleto falar sobre a influências das redes sociais na aceitação de notícias falsas sobre a Covid-19 sem analisar quais possíveis fatores pessoais podem afetar na escolha entre acreditar ou não em uma informação vista na internet.

Montagni et al. (2021), por exemplo, associa a alfabetização em saúde (do original *health literacy*) com a capacidade de identificar fake news e a aceitação da vacina de Covid-19. Os autores explicam que a alfabetização em saúde aparece como uma forma de combater a desinformação, sendo medida pela forma em que as pessoas podem acessar e compreender informações relacionadas à saúde por meio dos canais de comunicação.

De acordo com Montagni et al. (2021, p. 696), “pode ser levantada a hipótese de que o envolvimento na busca de informações positivas sobre saúde pode ajudar a navegar melhor pelas notícias e, conseqüentemente, promover o reconhecimento da desinformação”. Dessa forma, quanto mais ativo o indivíduo for a respeito da busca por informações, mais chances dele conseguir identificar uma notícia falsa.

Assim sendo, pode-se afirmar que o nível de informação está diretamente ligado com as intenções de se vacinar. As pessoas podem possuir diferentes motivos para a hesitação na vacinação contra a Covid-19, como discutido ao longo deste trabalho, sejam eles o medo de efeitos colaterais, a crença em teorias da conspiração, a influência de fake news, entre outros, mas os padrões sugerem que a falta de informação de qualidade está presente nesses fatores.

Dessa maneira, o jornalismo aparece como peça fundamental para quebrar esse ciclo de desinformação e por conseqüência diminuir os efeitos colaterais desse fenômeno que vem há anos atingindo a sociedade como um todo.

Manfrin e Mastella (2021) comentam que nessa era da desinformação é necessária uma ressignificação do jornalismo com ações que fomentem a educação midiática, a construção do pensamento crítico e a promoção da cidadania. As

pesquisadoras ainda trazem como uma responsabilidade social do jornalista de fazer esse trabalho de educar o público, assim como também é um trabalho para a mídia e as organizações governamentais produzir conteúdo com o objetivo de instruir as pessoas a serem mais críticas e poderem diferenciar informações falsas e verdadeiras.

Conseqüentemente, com essas ações, as pessoas serão capazes de tomar as decisões, como por exemplo a de se vacinar contra a Covid-19, baseadas em fatos e informações verdadeiras, e não em rumores e fake news. Como evidenciado nesse trabalho, uma forma que o jornalismo vem utilizando como maneira de tentar instruir a população e combater a desinformação é através dos serviços de *fact-checking*.

A agência Lupa, utilizada para as análises, não é a única empresa compromissada com um jornalismo que trabalha trazendo a verificação dos fatos para o público. Outros exemplos de agências *fact-checking* no Brasil são a *Fato ou Fake*, *Aos Fatos*, *Boatos.org*, *E-farsas*, entre tantas outras iniciativas que possuem o mesmo objetivo: diminuir a circulação de fake news nas redes sociais e na internet como um todo.

No entanto, graças a internet e a velocidade com que alguns conteúdos conseguem atingir um grande público, nem sempre a verificação dos fatos consegue atingir a mesma quantidade de pessoas que a notícia falsa atingiu.

Souza (2020) traz justamente a ideia de que essa velocidade da disseminação de notícias faz com que um número relevante de pessoas tenha acesso a informações falsas que podem ser prejudiciais à saúde por conter medidas irresponsáveis. Muitas das fake news analisadas trazem essa preocupação, especialmente porque no momento da verificação feita pela Lupa, muitos conteúdos já haviam sido compartilhados centenas de vezes e não é garantido que a matéria mostrando que aquele conteúdo era falso atinja as mesmas pessoas que acreditaram e compartilharam a desinformação.

Em razão dessa velocidade com que as notícias falsas podem se espalhar, Souza (2020, p. 18) acredita ser “necessário, por parte da população a criação de uma consciência da verificação de notícias antes de compartilhá-las, fazendo com que dessa maneira as fake news não tenham a disseminação tão veloz”. A autora ainda complementa que dessa maneira, quando a informação chegar em um cidadão que checa a veracidade antes de compartilhar o conteúdo, o ciclo será rompido, impedindo a propagação de notícias falsas.

A consciência do cidadão quando se trata em compartilhar publicações na internet se torna muito importante nessa era da desinformação e isso junto aos esforços do jornalismo de tentar auxiliar a população são peças fundamentais para que a desinformação deixe de fazer parte da vida dos brasileiros e deixe de influenciar em decisões de saúde tão importantes como o ato de se vacinar.

5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento desse trabalho teve como principal objetivo realizar uma análise para entender como o fenômeno das fake news atua no cenário atual com as redes sociais, em especial em um momento de pandemia do coronavírus no qual as pessoas estavam suscetíveis a muitas informações sendo compartilhadas na internet.

A análise foi proposta como uma maneira de reconhecer os discursos presentes em conteúdos falsos sobre a Covid-19 para que assim fosse possível observar as influências por trás das fake news sobre o tema. Além disso, através da análise foi possível ter uma visão mais completa sobre o tópico, abordando e entendendo as possíveis consequências desse tipo de conteúdo, algo de extrema importância considerando a era da desinformação em que vivemos.

Ao decorrer do estudo, foi verificado a presença do discurso conspiracionista em fake news sobre a vacinação da Covid-19. De forma resumida, em mensagens que continham esse tipo de discurso, existia um questionamento sobre os fatos divulgados pela mídia e uma tentativa de teorizar sobre uma suposta verdade escondida da população.

Nesse contexto, o discurso conspiracionista foi visto em conteúdos que especulavam sobre a intenção por trás da vacinação, supondo que as vacinas iriam ser aplicadas como uma forma de ganhar dinheiro ou tentativa de controle por parte de algum grupo, governo ou pessoa pública.

Um dos primeiros resultados atingidos foi justamente entender que houve a presença desse tipo de discurso durante a pandemia e que juntando a análise com a bibliografia acessada foi possível afirmar que essas fake news influenciaram negativamente as pessoas que acreditaram na sua veracidade. Ademais, nas discussões ainda foi evidenciado que pessoas que acreditam em teorias da conspiração estão mais propensas a não seguirem as recomendações públicas de saúde.

Na sequência, com as análises de discurso também foi possível chegar ao resultado de que durante as discussões sobre a vacinação contra a Covid-19 no Brasil se mostrou presente um grande discurso político e que a partir disso o ato de se vacinar e também de qual vacina tomar se transformou também em uma questão política ao invés de ser somente uma questão de saúde pública.

Como nas análises foi identificado um ataque ao então governador de São Paulo João Doria, é de se concluir que pelo menos uma grande parte das fake news tinha a intenção de desmoralizar Doria e conseqüentemente a vacina chinesa trazida para o Brasil. Na época, através das mídias era evidente uma espécie de briga política entre Jair Bolsonaro e Doria, algo que pode ter inflamado o surgimento de notícias falsas sobre o governador.

Após as discussões sobre a presença de filtros na internet, a criação de bolhas, assim como as câmaras de eco e a presença de uma polarização política na internet pôde-se visualizar que as fake news possuem uma certa força dentro desse contexto no qual elas apenas vão se fortalecendo por serem compartilhadas por pessoas que acreditam nelas. A presença de um discurso político transforma as fake news sobre a vacinação em algo mais forte e com uma maior dificuldade de serem desmentidas.

Partindo disso, o estudo conseguiu abordar o tema da forma como foi pensado inicialmente, identificando os discursos por trás das fake news como os de conspiracionismo e o político e também apontando como esses discursos podem ter influenciado a população na hora da vacinação. Da mesma forma, foram apontados e discutidos outros fatores, como os pessoais e tecnológicos, que possuem grande influência na discussão sobre um tema tão importante como o da desinformação.

Uma das limitações do estudo foi se concentrar apenas no primeiro ano da pandemia, deixando de fora possíveis elementos relevantes como fake news sobre a execução da vacinação em si e até mesmo os resultados da vacinação no Brasil. No entanto, foi necessário delimitar o tempo de coletar as fake news sobre o tema para que fosse possível analisa-las com cuidado e atenção.

Dada à importância do assunto, torna-se necessário o desenvolvimento de mais estudos relacionando as fake news da vacina com o real resultado da aplicação, sendo analisada a cobertura vacinal no país. Dessa forma, um próximo estudo pode se concentrar na quantidade de pessoas que se vacinaram e como as campanhas de comunicação tiveram impacto no resultado que temos hoje.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, N. Doria não propôs que vacina contra Covid-19 seja testada em idosos. **Lupa**, 19 jun. 2020c. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/06/19/verificamos-doria-vacina-idosos/>>. Acesso em: 29 abr. 2023.
- AFONSO, N. É falso que Doria assinou convênio para vacina contra a Covid-19 em agosto do ano passado. **Lupa**, 15 jun. 2020b. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/06/15/verificamos-doria-vacina-butantan/>>. Acesso em: 29 abr. 2023.
- AFONSO, N. OMS não disse que CoronaVac ‘não foi testada em nenhum lugar do mundo’. **Lupa**, 18 jun. 2020a. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/06/18/verificamos-oms-coronavac-teste/>>. Acesso em: 29 abr. 2023.
- AFONSO, N. Voluntária que relatou febre e dores no corpo não tomou vacina chinesa, e sim vacina de Oxford. **Lupa**, 27 jul. 2020d. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/07/27/verificamos-voluntaria-vacina-relato>>. Acesso em: 12 maio. 2023.
- ALCANTARA, J.; FERREIRA, R.R. A infodemia da “gripezinha”: uma análise sobre desinformação e coronavírus no Brasil. **Chasqui. Revista Latinoamericana de comunicación**, n. 145, p. 137-162, dez. 2020. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/4315>. Acesso em: 05 mar. 2023.
- ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211–236, maio 2017. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- ALMEIDA, D. MPF cobra Telegram sobre disparo de mensagem contra PL das Fake News. **Agência Brasil**, 09 mai. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-05/mpf-cobra-telegram-sobre-disparo-de-mensagem-contra-pl-das-fake-news>>. Acesso em: 10 maio. 2023.
- AMARAL, O. E. DO. The Victory of Jair Bolsonaro According to the Brazilian Electoral Study of 2018. **Brazilian Political Science Review**, v. 14, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bpsr/a/LqxmCxx8pX3W448MX6dRcWP/?lang=en>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- AVAAZ. **As Fake News estão nos deixando doentes?** Como a desinformação antivacina pode estar reduzindo as taxas de cobertura vacinal no Brasil. 2019. Disponível em: <https://sbim.org.br/images/files/po-avaaz-relatorio-antivacina.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- BARBERIA, L. G.; GÓMEZ, E. J. Political and institutional perils of Brazil’s COVID-19 crisis. **The Lancet**, v. 396, n. 10248, p. 367–368, 8 ago. 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/article/S0140-6736\(20\)31681-0/fulltext](https://www.thelancet.com/article/S0140-6736(20)31681-0/fulltext). Acesso em: 05 fev. 2023.

BARRETO, A. G. Fake News e Criminalização da Divulgação: Seria Esse o Caminho?. **Revista Eletrônica Direito & TI**, v. 1, n. 9, p. 6, 3 fev. 2018. Disponível em: <https://direitoeti.emnuvens.com.br/direitoeti/article/view/109>. Acesso em: 29 mar. 2023.

BELTRÃO, R. P. L. et al. Perigo do movimento antivacina: análise epidemio-literária do movimento antivacinação no Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 6, p. e3088, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/3088/1894>. Acesso em: 20 jan. 2023.

BERTOLLI FILHO, C. História da vacina e da vacinação em São Paulo: séculos XVIII e XIX. **Cadernos de História da Ciência**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 85–111, 2008. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/cadernos/article/view/35739>. Acesso em: 16 jan. 2023.

BOARINI, M.; FERRARI, P. A desinformação é o parasita do século XXI. **Organicom**, [S. l.], v. 17, n. 34, p. 37-47, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.170549. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/170549>. Acesso em: 29 fev. 2023.

BRITO, J.; DARLINGTON, S. How Brazil gambled on unproven drugs to fight Covid-19. **CNN**, São Paulo, 14 fev. 2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/02/14/americas/brazil-hydroxychloroquine-evidence-intl/index.html>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BRYANOV, K.; VZIATYSHEVA, V. Determinants of individuals' belief in fake news: A scoping review determinants of belief in fake news. **PLOS ONE**, v. 16, n. 6, p. e0253717, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0253717>. Acesso em: 27 mar. 2023.

BORGES, R.; MENDES, S.; FUZEIRA, V. Oposição atua para dificultar aprovação de PL das Fake News. **Metrópoles**, 04 fev. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/oposicao-atua-para-dificultar-aprovacao-de-pl-das-fake-news>. Acesso em: 29 abr. 2023.

CARDOSO, V. M. V. DE S. et al. Vacinas e movimentos antivacinação: origens e consequências. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 21, p. e6460–e6460, 18 fev. 2021. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/view/6460>. Acesso em: 12 mar. 2023.

CHAIA, V. L. M.; BRUGNAGO, F. A nova polarização política nas eleições de 2014: Radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 7, n. 21, p. 99–129, 20 dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22032>. Acesso em: 17 mar. 2023.

COSTA, A. C. Credibilidade e jornalismo: “fact-checking” e as mudanças no mercado de notícias brasileiro. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, set. 2019. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1360-1.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2023.

COSTA, L. M.; NÓBREGA, L. B. DA; MAIA, C. T. Desinformação e plataformas. **Em Questão**, p. 116919, 4 ago. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/116919/85130>. Acesso em: 05 mar. 2023.

CONTRA fake news, Twitter barra publicações idênticas. **VEJA**, 22 fev. 2018. Economia, Tecnologia. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/contra-fake-news-twitter-barra-publicacoes-identicas/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C.L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 18, n. 32, p. 155-169, abr. 2018. Disponível em http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-54622018000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 fev. 2023.

DOMINGUES, C. M. A. S. et al. 46 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma história repleta de conquistas e desafios a serem superados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00222919, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/XxZCT7tKQjP3V6pCyywtXMx/?lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2023.

DOMINGUES, C. M. A. S.; TEIXEIRA, A. M. DA S. Coberturas vacinais e doenças imunopreveníveis no Brasil no período 1982-2012: avanços e desafios do Programa Nacional de Imunizações. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 22, n. 1, p. 9–27, mar. 2013. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742013000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 jan. 2023.

FERREIRA, A. V.; RIOS, J. R. A. C. Filtro bolha, câmara de eco e a formação de opiniões extremas. repositorio.ufc.br, 2017. São Paulo: **Intercom**, 2017. Tema: Intercom 40 anos: comunicação, memórias e historicidades. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/44732>. Acesso em: 29 mar. 2023.

FERREIRA, G. B. Teorias da Conspiração em Tempos de Pandemia Covid-19: Populismo, Media Sociais e Desinformação. **Comunicação e Sociedade**, v. 40, p. 129–148, 20 dez. 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cs/6074>. Acesso em: 15 mar. 2023.

FLOOD, A. Fake news is “very real” word of the year for 2017. **The Guardian**, 2 nov. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2017/nov/02/fake-news-is-very-real-word-of-the-year-for-2017>. Acesso em: 07 mar. 2023.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. Disponível em: <https://gambiarre.files.wordpress.com/2010/09/foucault-a-arqueologia-do-saber.pdf>. Acesso em: 07. mai. 2023.

FREIRE, P. M.; GOLDSCHMIDT, R. Uma Introdução ao Combate Automático às Fake News em Redes Sociais Virtuais. **Sociedade Brasileira de Computação**, 7

out. 2019. Disponível em:

<https://sol.sbc.org.br/livros/index.php/sbc/catalog/view/62/272/514-1>. Acesso em: 05 mar. 2023.

FREIRE, S. **Análise de Discurso: Procedimentos Metodológicos**. 2º ed. EDUA, 22 Out. 2014. *E-book*.

FUKS, M.; MARQUES, P. H. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. **Opinião Pública**, v. 28, n. 3, p. 560–593, set. 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/op/a/SCmKT44FzwmGMp6jtBZ3Dfk/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 17 jan. 2023.

GALHARDI, C. P. et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. suppl 2, p. 4201–4210, out. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/XnfpYRR45Z4nXskC3PTnp8z/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 23 fev. 2023

GALLEGO, E. S.; ORTELLADO, P.; MORETTO, M. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava Jato e contra a reforma de previdência. **Em Debate: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política**, Belo Horizonte, ano 9, n. 2, p. 35-45, ago. 2017. Disponível em:

<https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4862>. Acesso em: 24 fev. 2023.

GEORGIU, N.; DELFABBRO, P.; BALZAN, R. COVID-19-related conspiracy beliefs and their relationship with perceived stress and pre-existing conspiracy beliefs. **Personality and Individual Differences**, v. 166, p. 110201, 1 nov. 2020.

Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0191886920303901?via%3Dihub>.

Acesso em: 14 mar. 2023.

GRUZD, A.; MAI, P. Going viral: How a single tweet spawned a COVID-19 conspiracy theory on Twitter. **Big Data & Society**, v. 7, n. 2, p. 205395172093840, jul. 2020. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/2053951720938405>. Acesso em: 05 mar.

2023.

GRAMACHO, W. G.; TURGEON, M. When politics collides with public health: COVID-19 vaccine country of origin and vaccination acceptance in Brazil. **Vaccine**, p. 2608-2612, abr. 2021. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264410X21003960?via%3Dihub>.

Acesso em: 13 mar. 2023.

HOCHMAN, G. Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 2, p. 375–386, 1 fev. 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/YWJ7XPqXpmNXNFtBtMbr8Sm/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 05 fev. 2023.

HOPF, H. et al. Fake science and the knowledge crisis: ignorance can be fatal. **Royal Society Open Science**, v. 6, n. 5, p. 190161, maio 2019. Disponível em:

<https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.190161>. Acesso em: 03 mar. 2023.

INSTAGRAM. **Combatting Misinformation on Instagram | Instagram**. Disponível em: <https://about.instagram.com/blog/announcements/combating-misinformation-on-instagram>. Acesso em: 03 mar. 2023.

IYENGAR, S.; SOOD, G.; LELKES, Y. "Affect, not ideology: a social identity perspective on polarization". *Public Opinion Quarterly*, Oxford, vol. 76, nº 3, p. 405–431, set. 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41684577>. Acesso em: 05 fev. 2023.

JAMIESON, A.; SOLON, O. Facebook to begin flagging fake news in response to mounting criticism. **The Guardian**, 15 dez. 2016. Disponível em: https://www.theguardian.com/technology/2016/dec/15/facebook-flag-fake-news-fact-check?CMP=share_btn_tw. Acesso em: 17 fev. 2023.

JASNY, L.; WAGGLE, J.; FISHER, D. R. An empirical examination of echo chambers in US climate policy networks. **Nature Climate Change**, v. 5, n. 8, p. 782–786, 25 maio 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277211544_An_empirical_examination_of_echo_chambers_in_US_climate_policy_networks. Acesso em: 24 fev. 2023.

JOLLEY, D.; DOUGLAS, K. M. The Effects of Anti-Vaccine Conspiracy Theories on Vaccination Intentions. **PLoS ONE**, v. 9, n. 2, p. e89177, 20 fev. 2014. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0089177>. Acesso em: 25 mar. 2023.

JONES-JANG, S. M.; MORTENSEN, T.; LIU, J. Does Media Literacy Help Identification of Fake News? Information Literacy Helps, but Other Literacies Don't. **American Behavioral Scientist**, v. 65, n. 2, 28 ago. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335352499_Does_Media_Literacy_Help_Identification_of_Fake_News_Information_Literacy_Helps_but_Other_Literacies_Don't. Acesso em: 17 fev. 2023.

JUNIOR, V. L. P. Anti-vacinação, um movimento com várias faces e consequências. **Cadernos Ibero-Americanos De Direito Sanitário**, v. 8, n. 2, p. 116–122, 24 jul. 2019. Disponível em: <https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/542/595>. Acesso em: 12 mar. 2023.

LACERDA, C.; CHAIMOVICH GURALNIK, H. O que é imunidade de rebanho e quais as implicações? **Jornal da USP**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-que-e-imunidade-de-rebanho-e-quais-as-implicacoes>. Acesso em: 24 jan. 2023.

LEVI, G. **Recusa de vacinas causas e consequências**. São Paulo: Segmento Farma, 2013. Disponível em: https://sbim.org.br/images/books/15487-recusa-de-vacinas_miolo-final-131021.pdf. Acesso em: 29 mar. 2023.

LIMA, A. A.; PINTO, E. S. O contexto histórico da implantação do Programa Nacional de Imunização (PNI) e sua importância para o Sistema Único de Saúde

(SUS). **Scire Salutis**, v.7, n.1, p.53-62, 7 nov. 2017. Disponível em: <https://www.sustenere.co/index.php/sciresalutis/article/view/SPC2236-9600.2017.001.0005>. Acesso em: 15 mar. 2023.

LOOMBA, S. et al. Measuring the impact of COVID-19 vaccine misinformation on vaccination intent in the UK and USA. **Nature Human Behaviour**, v. 5, n. 5, p. 337–348, 5 fev. 2021. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41562-021-01056-1>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MACARIO, C. É falso que Bill Gates disse que vacina contra Covid-19 vai alterar o DNA das pessoas. **Lupa**, 29 set. 2020. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/09/28/verificamos-bill-gates-vacina-dna/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

MANFRIN, B.; MASTELLA, V. A pandemia e o pandemônio: uma análise sobre os desdobramentos de informações falsas em tempos de Covid-19. **Âmbitos. Revista Internacional de Comunicação**, n. 52, p. 57–70, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/350919415_A_pandemia_e_o_pandemonio_uma_analise_sobre_os_desdobramentos_de_informacoes_falsas_em_tempos_de_Covid-19. Acesso em: 12 fev. 2023.

MARÉS, C. É falso que Israel já tem vacina pronta contra o novo coronavírus. **Lupa**, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/03/17/verificamos-israel-vacina-coronavirus/>. Acesso em: 29 fev. 2023.

MEDEIROS, P. M. Fake news mediate the relationship between sociopolitical factors and vaccination intent in Brazil. **Health Promotion International**, v. 37, n. 6, 15 nov. 2022. Disponível em: <https://academic.oup.com/heapro/article-abstract/37/6/daac110/6827741?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 20 fev. 2023.

MIGUEL, L. F. Jornalismo, polarização política e a querela das fake news. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 16, n. 2, p. 46–58, 11 nov. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p46/41755>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MONTAGNI, I. et al. Acceptance of a covid-19 vaccine is associated with ability to detect fake news and health literacy. **Journal of Public Health**, v. 43, n. 4, p. 695–702, 9 mar. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33693905/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

MONTEIRO, E. Projetos em análise no Senado combatem desinformação e fake news. **Agência Senado**, 26 set. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/09/26/projetos-em-analise-no-senado-combatem-desinformacao-e-fake-news#:~:text=Um%20dos%20dispositivos%20retirados%20da>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MORAES, M. É falso que Bill Gates previu que vacinas contra coronavírus vão matar ou prejudicar 700 mil pessoas. **Lupa**, 14 set. 2020b. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/09/14/verificamos-bill-gates-vacinas-coronavirus/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

MORAES, M. É falso que Cuba fabricou uma vacina contra o novo coronavírus. **Lupa**, 13 mar. 2020a. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/03/13/verificamos-cuba-vacina-novo-coronavirus/>. Acesso em: 29 fev. 2023.

MOREL, A. P. M. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021, e00315147. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/pnVbDRJBcdHy5K6NSc4X65f/#>. Acesso em: 10 fev. 2023.

NGUYEN, A.; CATALAN-MATAMOROS, D. Digital Mis/Disinformation and Public Engagment with Health and Science Controversies: Fresh Perspectives from Covid-19. **Media and Communication**, v. 8, n. 2, p. 323–328, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cogitatiopress.com/mediaandcommunication/article/view/3352>. Acesso em: 17 fev. 2023.

OLIVEIRA, T. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, 2 mar. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.03>. Acesso em: 15 jan. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2005. 100 p.

ORTELLADO, P.; RIBEIRO, M. M.; ZEINE, L. Existe polarização política no Brasil? análise das evidências em duas séries de pesquisas de opinião. **Opinião Pública**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 62–91, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8669212>. Acesso em: 29 mar. 2023.

OXFORD LANGUAGES. **Oxford Word of the Year 2016 | Oxford Languages**. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 29 mar. 2023.

PAULA, L. T.; SILVA, T. D. R. S.; BLANCO, Y. A. Pós-verdade e fontes de informação: um estudo sobre fake news. **Revista Conhecimento em Ação**, v. 3, n. 1, p. 93-110, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71135>. Acesso em: 09 fev. 2023.

PASSARINI, I. É falso que vacinas contra a Covid-19 alteram material genético do ser humano. **Lupa**, 29 set. 2020. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/09/29/verificamos-vacina-material-genetico-coronavirus/>. Acesso em: 29 abr. 2023.

PONTES, F. MPF questiona Google sobre campanha contra PL das Fake News. **Agência Brasil**, 02 mai. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2023-05/mpf-questiona-google-sobre-campanha-contra-pl-das-fake-news>. Acesso em: 10 mai. 2023.

QUEIROZ, G. É falso que Bill Gates criou ‘vacina não líquida’ capaz de monitorar pessoas via tecnologia 5G. **Lupa**, 08 mai. 2020a. Disponível em:

<<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/05/08/bill-gates-vacina-monitorar-pessoas/>>. Acesso em: 29 abr. 2023.

QUEIROZ, G. É de 2017 foto de 'voluntário de vacina chinesa' que teria sofrido efeitos colaterais. **Lupa**, 28 jul. 2020b. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/07/28/verificamos-voluntario-vacina-efeitos-colaterais/>>. Acesso em: 29 abr. 2023.

ROCHA, C. M. V. DA. Comunicação social e vacinação. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 10, p. 795–806, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/5CpdMNKKg5nkq4PWDQN9znP/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 23 mar. 2023.

RÔMANY, Í. É falso que vacina chinesa contra Covid-19 provocou três óbitos em São Paulo. **Lupa**, 15 set. 2020. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/09/15/verificamos-vacina-chinesa-obitos/>>. Acesso em: 29 abr. 2023.

ROMER, D.; JAMIESON, K. H. Conspiracy theories as barriers to controlling the spread of COVID-19 in the U.S. **Social Science & Medicine**, v. 263, n. 113356, set. 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S027795362030575X?via%3Dihub>. Acesso em: 25 mar. 2023.

ROOZENBEEK, J. et al. Susceptibility to misinformation about COVID-19 around the world. **Royal Society Open Science**, v. 7, n. 10, p. 201199, out. 2020. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.201199>. Acesso em: 26 mar. 2023.

SANCHOTENE, C.; MACHADO DA SILVEIRA, A. C.; DE LIMA LAVARDA, S. Quando as notícias mais compartilhadas são falsas: a circulação de boatos durante a semana do impeachment no Facebook. **Comunicação & Informação**, v. 20, n. 3, p. 99, 31 dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/46950>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SANTOS-D'AMORIM, K.; MIRANDA, M. K. F. O. Informação incorreta, desinformação e má informação: esclarecendo definições e exemplos em tempos de desinfodemia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 26, p. 1-23, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/157189>. Acesso em: 09 fev. 2023.

SANTOS, G.; GROSSI, A. Jornalismo e credibilidade: uma percepção do público. **Âmbitos. Revista Internacional de Comunicación**, n. 42, p. 40–54, 12 out. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328422458_Jornalismo_e_credibilidade_uma_percepcao_do_publico. Acesso em: 28 mar. 2023.

SANTOS, G.; SILVA, J.; BATISTA, A. Movimento antivacina: resistência da vacinação e apresentação da eficácia dos imunopreveníveis. **Revista Saúde dos Vales**, v.1, n.1, 2021. Disponível em: https://www.revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2021/640_movimento_anti_vacina_resistencia_da_vacinacao_e_apresentacao_da_eficac.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.

SANTOS, K. N. DOS. A rede de checagem da agência Lupa. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 16, n. 2, p. 59–73, 11 nov. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p01/41748>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SAÚDE, O. P.-A. DA. Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SCHATZMAYR, H. G.: Novas perspectivas em vacinas virais. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, vol. 10 (suplemento 2): 655-69, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/VjJzQVWWZtVxSqMmMM4R3WB/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SHIMIZU, N. R. Movimento Antivacina: A memória funcionando no/pelo (per)curso dos sentidos e dos sujeitos na sociedade e-urbana. **Revista do EDICC - ISSN 2317-3815**, v. 5, p.87-97, 22 out. 2018. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/5963>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SILVA, M. R. DA; TELES, A. DE S.; ANDRADE, E. G. DA S. Antivacinação: Um Movimento Consequente Na Realidade Brasileira. *Revista de Iniciação Científica e Extensão*, v. 3, n. 2, p. 483–94, 26 out. 2020. Disponível em: <https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/307>. Acesso em: 2 fev. 2023.

SOARES, J.; PORTINARI, N.; DANTAS, D. Bolsonaro sanciona projeto que revoga a Lei de Segurança Nacional, mas veta punição a quem dissemina notícias falsas. **O Globo**, 2 set. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-sanciona-projeto-que-revoga-lei-de-seguranca-nacional-mas-veta-punicao-quem-dissemina-noticias-falsas-25181392>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SOUSA JÚNIOR, J. H. DE et al. Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. **Cadernos de Prospecção**, v. 13, n. 2, p. 331, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/view/35978>. Acesso em 2 fev. 2023.

SOUZA, M. F. C. DE; AZEVEDO, N. P. DA S. G. DE. Guerras culturais e formações imaginárias da polarização política brasileira: UM ESTUDO DISCURSIVO. **Humanidades & Inovação**, v. 5, n. 4, p. 209–226, 4 jul. 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/640>. Acesso em: 24 fev. 2023.

SOUZA, N. I. S. A disseminação de fake news no caso do coronavírus (covid-19): uma análise discursiva. **Revista Memento**, v. 11, n. 1, 26 maio 2020. Disponível em: http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/6123/pdf_174. Acesso em: 12 mar. 2023.

SPINELLI, E. M.; SANTOS, J. D. A. JORNALISMO NA ERA DA PÓS-VERDADE: fact-checking como ferramenta de combate às fake news. **Revista Observatório**, v.

4, n. 3, p. 759-782, 29 abr. 2018. Disponível em:
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4629>.
Acesso em: 28 mar. 2023.

SUCCI, R. C. DE M. Vaccine refusal - what we need to know. **Jornal de Pediatria**, v. 94, n. 6, p. 574–581, nov. 2018. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/jped/a/YhH9ndMZmZLN6y3wkwqVxKS/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 17 abr. 2023.

SUED, G. O algoritmo do YouTube e a desinformação sobre vacunas durante a pandemia de COVID-19. **Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación** n. 145, p. 163–180, dez. 2020. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7718834>. Acesso em: 02 fev. 2023.

TAYLOR, L. “We are being ignored”: Brazil’s researchers blame anti-science government for devastating COVID surge. **Nature**, v. 593, n. 7857, p. 15–16, 27 abr. 2021. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-021-01031-w>. Acesso em: 14 mar. 2023.

TEMPORÃO, J. G.: O Programa Nacional de Imunizações (PNI): origens e desenvolvimento. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, vol. 10 (suplemento 2): 601-17, 2003. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/XqLKLcj6NYjHdywSF6XPRZs/abstract/?lang=pt>.
Acesso em: 24 jan. 2023.

UNESCO (org). **Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo**. Brasília, DF, 2019. Disponível em:
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368647.locale=en>. Acesso em: 03 mar. 2023.

VAN PROOIJEN, J.-W.; VAN VUGT, M. Conspiracy Theories: Evolved Functions and Psychological Mechanisms. **Perspectives on Psychological Science**, v. 13, n. 6, p. 770–788, 19 set. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30231213/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; CASTIEL, L. D. COVID-19, fake news, and the sleep of communicative reason producing monsters: the narrative of risks and the risks of narratives. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00101920, 24 jul. 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csp/a/d6ZXNpddtmjgNjRtKMDY4bR/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 10 mar. 2023.

VERDÉLIO, A. Presidente sanciona projeto que revoga Lei de Segurança Nacional. **Agência Brasil**, 2 set. 2021. Disponível em:
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-09/presidente-sanciona-projeto-que-revoga-lei-de-seguranca-nacional>. Acesso em: 29 mar. 2023.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **INFORMATION DISORDER : Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. 2017. Disponível em:
https://edoc.coe.int/en/module/ec_addformat/download?cle=5905aa3361a00b7d935

6fa6cf222396d&k=74492c8a6bc179dc5e31b064f405c1d5. Acesso em: 29 mar. 2023.

WHATSAPP. **Apresentamos o novo recurso de pesquisar na internet**. 2020. Disponível em: https://blog.whatsapp.com/search-the-web?lang=pt_br. Acesso em: 03 mar. 2023.

WILSON, S. L.; WIYSONGE, C. Social media and vaccine hesitancy. **BMJ Global Health**, v. 5, n. 10, 23 out. 2020. Disponível em: <https://gh.bmj.com/content/5/10/e004206>. Acesso em: 15 fev. 2023.

WOLFE, R. M.; SHARP, L. K. Anti-vaccinationists past and present. **BMJ**, v. 325, n. 7361, p. 430–432, 24 ago. 2002. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/325/7361/430>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ZORZETTO R. As razões da queda na vacinação: Ao menos nove fatores contribuem para a redução na imunização infantil e aumentam o risco de doenças graves ressurgirem. 270. ed. São Paulo: **Revista Pesquisa Fapesp**, p. 19-24, 2018. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2018/08/Pesquisa_270-1.pdf. Acesso em: 2 fev. 2023.

ANEXO A – LISTA DE FAKE NEWS ANALISADAS

Título da notícia falsa verificada	Link
É falso que Cuba fabricou uma vacina contra o novo coronavírus	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/13/verificamos-cuba-vacina-novo-coronavirus/
É falso que Israel já tem vacina pronta contra o novo coronavírus	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/17/verificamos-israel-vacina-coronavirus/
Vacina para cachorros não tem relação com o vírus que causa Covid-19	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/19/verificamos-vacina-coronavirus-cachorro/
Vacina' que cura Covid-19 em apenas três horas não existe	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/23/verificamos-vacina-coronavirus-roche/
É falso que 'testes bem-sucedidos' de vacina contra a Covid-19 foram realizados na França	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/25/verificamos-testes-vacina-coronavirus/
É falso que Bill Gates criou 'vacina não líquida' capaz de monitorar pessoas via tecnologia 5G	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/05/08/bill-gates-vacina-monitorar-pessoas/
Pesquisador chinês morto nos EUA não estava 'prestes a descobrir' vacina para Covid-19	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/05/27/verificamos-chines-morto-vacina-covid/
É falso que Doria assinou convênio para vacina contra a Covid-19 em agosto do ano passado	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/06/15/verificamos-doria-vacina-butantan/
É falso que vacina da Sinovac foi testada apenas em macacos	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/06/18/verificamos-vacina-sinovac-macacos/
É falso que vacina financiada pela Fundação Gates seja a mesma desenvolvida por empresa chinesa	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/06/18/verificamos-vacina-gates-chinesa/
OMS não disse que CoronaVac 'não foi testada em nenhum lugar do mundo'	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/06/18/verificamos-oms-coronavac-teste/
Doria não propôs que vacina contra Covid-19 seja testada em idosos	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/06/19/verificamos-doria-vacina-idosos/
É falso que 'primeira-ministra da Austrália' fingiu tomar vacina para coronavírus em vídeo	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/02/verificamos-ministra-australia-vacina/
Fiocruz não desenvolveu estudos iniciais da vacina de Oxford contra Covid-19	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/13/verificamos-fiocruz-vacina-covid-oxford/

É falso que OMS tenha aprovado 'vacina chinesa de US\$ 10 mil' contra a Covid-19	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/14/verificamos-oms-vacina-chinesa/
É falso que vacinas contra Covid-19 podem criar seres humanos geneticamente modificados	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/22/verificamos-vacinas-covid-altera-dna/
É falso que imagem 'prova' que primeira voluntária não tomou vacina contra Covid-19 em SP	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/22/verificamos-voluntaria-vacina-covid/
É falso que Doria tomou 'vacina chinesa' contra a Covid-19 sem usar máscara	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/23/verificamos-doria-vacina-covid/
É falso que CoronaVac seja produzida a partir de 'células de bebês abortados'	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/23/verificamos-coronavac-bebes-abortados/
Voluntária que relatou febre e dores no corpo não tomou vacina chinesa, e sim vacina de Oxford	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/27/verificamos-voluntaria-vacina-relato/
É de 2017 foto de 'voluntário de vacina chinesa' que teria sofrido efeitos colaterais	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/28/verificamos-voluntario-vacina-efeitos-colaterais/
É falso que vacinas contra a Covid-19 contêm microchip que permite controle externo a partir de antenas 5G	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/08/04/verificamos-vacina-5g-microchip/
É falso que Covid-19 significa 'certificado de identificação da vacinação com inteligência artificial'	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/09/01/verificamos-covid-certificado-vacinacao/
É falso que Bill Gates previu que vacinas contra coronavírus vão matar ou prejudicar 700 mil pessoas	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/09/14/verificamos-bill-gates-vacinas-coronavirus/
É falso que vacina chinesa contra Covid-19 provocou três óbitos em São Paulo	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/09/15/verificamos-vacina-chinesa-obitos/
É falso que Bill Gates disse que vacina contra Covid-19 vai alterar o DNA das pessoas	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/09/28/verificamos-bill-gates-vacina-dna/
É falso que vacinas contra a Covid-19 alteram material genético do ser humano	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/09/29/verificamos-vacina-material-genetico-coronavirus/